

MIRANDA DE ANDRADE

LUÍS DE MAGALHÃES
E
A EVOLUÇÃO DO SEU LIRISMO

Separata de «Boletim da Biblioteca
Pública Municipal de Matosinhos», n.º 15



1968

COMPOSTO E IMPRESSO NA
PAPELARIA E TIPOGRAFIA LEIXÕES
RUA BRITO CAPELO, 251 MATOSINHOS

OBRAS DO AUTOR:

Camões e o Platonismo (um problema de crítica literária). 1926.

O Poeta António Fogaça (estudo biográfico-crítico). Ed. Livraria Cruz. Braga. 1949.

A Lição de Camões (estudo sobre o valor moral de «Os Lusíadas»). 1951.

Eça de Queirós e a «Revista de Portugal». Ed. da rev. «Ocidente». Lisboa. 1953.

Ao Ritmo da Vida (estudos e crónicas). 1959.

Obra Poética de António Fogaça (organização e prefácio). Ed. da Câmara Municipal de Barcelos. 1964.

ESTUDOS PUBLICADOS EM DIVERSAS REVISTAS CULTURAIS:

Goya e a modernidade da sua Arte. 1963.

O «Cancioneiro Chinês» de António Feijó. 1965.

Um Ensaio de Garrett sobre a Poesia Portuguesa. 1966.

Acerca de «A Gioconda» de Leonardo de Vinci. 1966.

O parnasianismo de Jaime de Ségurier. 1966.

O Poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage. 1966.

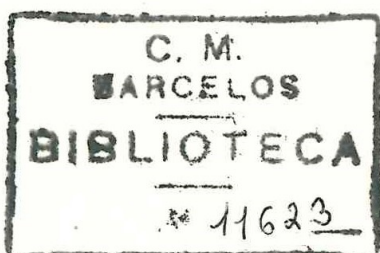
Dois Álbuns Literários dum Poeta Portuense. 1967.

A Amizade de dois Poetas: António Fogaça e António Nobre. 1967.

Conferências:

O Poeta, Jornalista e Cônsul Jaime de Ségurier. 1966.

Vida e Lirismo de António Nobre. 1967.



Perm. - Barcelone

LUÍS DE MAGALHÃES

E

A EVOLUÇÃO DO SEU LIRISMO

Por MIRANDA DE ANDRADE

AS primeiras tentativas poéticas de Luís de Magalhães surgem-lhe, principalmente, em Coimbra, quando na bela cidade do Mondego frequenta o Curso Jurídico juntamente com outros moços, inteligentes e distintos, que ficaram a pertencer, como ele, pelas manifestações do seu espírito, a uma geração literária que se costuma rotular de «segunda geração parnasiana». É a geração académica de Feijó, Silva Gaio e Alfredo da Cunha, todos talentosos poetas, e de Jaime de Magalhães Lima e Trindade Coelho, ambos brilhantes prosadores. Dominam os espíritos moços de então, dessa época à roda dos anos de 1880, os cânones da arte poética de Gautier, Leconte ou Herédia, e, pelo que respeita ao campo do pensamento, os princípios da filosofia comtiana. Estavam em grande voga o Positivismo e o Cientismo. Se se discutiam as novas ideias com calor, era para serem geralmente aceites e influenciarem profundamente a variada e larga produtividade intelectual da juventude académica contemporânea.

Luís de Magalhães, jovem universitário de 19-20 anos de idade, ansioso de ilustração e saber, não escapa ao contágio e à influência do surto mental dominante. Estuda e verseja. E os seus pensamentos e os seus anseios verte-os numa publicação que funda com o seu amigo e companheiro António Feijó. É a *Revista Científica e Literária*, colaborada pelos dois fundadores, por Carlos Lobo de Ávila e outros,—folha que deixou fama, apesar de não saírem dela senão três números...

Bem compreendendo o que têm de efêmero revistas e jornais, e desejoso de uma maior comunicação humana, Luís de Magalhães vai fazendo e

reunindo os seus versos, os seus tentâmenes líricos, para um futuro livro, que verá a luz da publicidade dentro de breve tempo, e com o qual não deixaria de afirmar o vigor do seu espírito e a altura do seu talento.

«Primeiros versos»

Assim intitulou Luís de Magalhães a sua primeira colectânea lírica, dada à estampa no Porto, em 1880, e dedicada ao seu amigo e condiscípulo António Feijó, pessoa que — confessa o Autor — «iniciou o seu sentimento na compreensão estética da poesia» e lhe corrigiu os versos que primeiro brotaram do seu estro. Ao afirmar que uma «antiga e leal camaradagem» os uniu e que muito lhe ficou devendo o seu espírito, Magalhães teria presente na memória a surpresa bem grata do seu primeiro encontro com Feijó, certo dia em que subiram, lado a lado, a torre da Universidade, encontro casual que sempre recordará com emoção e uma simpatia que constituiu a base imediata de uma amizade não isenta de sincera e permanente admiração. Esta perdurará até ao fim da sua vida. Prefaciando a edição póstuma de «*Sol de Inverno*», escreveu, em 1922, acerca do seu autor: «Um mestre, sim! Ele foi-o, não só entre os da sua geração, mas também e mais largamente na nossa poesia contemporânea. Porque ninguém o excedeu no manejo do verso, ninguém o trabalhou com mais correcção métrica, mais relevo na frase, mais arte, mais perícia técnica, ninguém lhe deu mais ductibilidade, mais elegância, mais harmonia, mais sonoridade, mais riqueza de rimas, mais graça de ritmo do que o poeta excelente do «*Cancioneiro Chinês*», da «*Ilha dos Amores*», do «*Sol de Inverno*».

As catorze composições recolhidas por Luís de Magalhães em «*Primeiros Versos*» são de diverso cunho e extensão. Têm um carácter marcadamente sentimental as sete primeiras, isto é, as compreendidas entre as intituladas *A Astarteia* e *Ideal de Amor*, inclusive; são uma demonstração de lirismo científico as sete restantes, entre as quais as dos títulos *O telescópio*, *A atracção*, *A luz* e *Epopeia da Natureza*. Mas o subjectivismo que se encontra na parte inicial do volume, não é o subjectivismo romântico, nem, muito menos, um derramamento de sentimentalidade à maneira ultra-romântica se nos depara nesses largos alexandrinos que correm, com decassílabos e alguns versos setessilábicos, nessas páginas fluentes. O Amor e a Mulher, agora vistos sob um ângulo diferente, não podem deixar de ser tratados, em poesia, doutro modo, quer dizer, de harmonia com as concepções que fizeram curso no tempo. E não deixa de ser curioso surpreender-se uma nota de carácter social nestes versos de

A *Astarteia*, aliás concordante com um imperativo da moral de Comte, que é uma moral acentuadamente social:

*Variemos o meio. À lepra-lupanar
opunhamos, por fim, este remédio — o lar.
À mulher que tem fome, à tímida criança,
em cuja alma se extingue o grande sol da esp'rança,
a todo o ser que sofre, ao pobre, ao infeliz
matai com instrução a pérfida raiz
dos crimes e do Mal. Fazei da virgem mãe,
e dai-lhe um companheiro activo, infatigável,
que lhe procure o pão, enquanto ela sustém
nos braços maternais, castíssima, amorável,
o fruto desse amor — o seu mais caro bem!*

O sentimento do amor, esse «grande sentimento humano», é encarado sob aspectos diversos, mas é na poesia *Ideal de Amor* que ele se apresenta com o aspecto confessadamente preferido pelo Autor: aquele que «a psicologia e a moral moderna indicam para a nossa época». Expõe-no nestes versos:

*Não, minha doce amiga: o teu airoso vulto
Não é o ídolo vão dum falso paganismo,
e é puríssimo e nobre este sagrado culto
sem ter ritos banais de estéril platonismo.*

.....

*E assim é que eu te sonho, ó meu formoso ideal!
Na vida da família, austera, alegre e nobre,
cumprindo essa missão, que o laço conjugal
igualmente impõe a todos que o Céu cobre.*

*Assim seremos bons, e os anos passarão
no gozo sem rival da paz e da saúde,
vendo robusta e forte a nossa geração,
— modelo de ventura, exemplo de virtude!*

*Por isso é que eu te canto, ó lírio imaculado,
como a visão gentil dum sonho santo e puro,
e enquanto os anos vão tombando no passado
eu, fitando esse olhar, só penso no futuro!...*

Duas notas são ainda de referir no ensaio lírico de Luís de Magalhães, denunciadoras de poetas que estiveram presentes no seu espírito e possível-

mente o influenciaram em determinado momento da sua actividade criadora: o quadro, traçado à maneira de Cesário, dos *Versos a uma Aristocrata*, e a breve tradução que fez dum trecho de «*La Légende des Siècles*», de Vitor Hugo, a que deu o nome de *A Hidra*.

O poema *A lenda da Verdade* revela uma interessante atitude intelectual do Autor. O tema é a busca da Verdade, o desejo intenso, no homem, de descobrir e encontrar a absoluta Verdade. Esta é representada — talvez intencionalmente e ao gosto parnasiano — por uma esbelta figura de mulher, de corpo escultural, perfil helénico, a beleza de uma deusa grega como as que cantou a cítara de Homero. Surgem no decurso da composição as maiores figuras da Humanidade, as que, desde os remotos tempos, se esforçaram por encontrar a Verdade em toda a sua pureza: Zoroastro, Buda, Platão, Cristo, Giordano Bruno, Galileu, Spinoza, Voltaire, e foram vítimas dos seus elevados anseios e do seu luminoso ideal. A Verdade, porém, segundo o Autor, foi encontrada nos novos tempos — na religião do Trabalho, fonte do progresso e do bem da Humanidade:

*E desde então p'ra cá essa mulher ideal
domina a inteligência hercúlea e virginal
da nova geração. E sobre o velho Mundo
o Trabalho lançou o bom calor fecundo,
que perpetua a Vida, e faz que eternamente
o Homem sinta o Bem no coração ardente!...*

Finda a colectânea por um extenso poema intitulado *Epopéia da Natureza*, poema consagrado à «mãe sempre fecunda», a essa Natureza que é

*«...força suprema, eterna construtora,
que no vaso da Vida amoldas a Matéria»,*

a essa «mãe cheia de affecto» que gerou todo o ser e, um dia, quando morrer, de novo o acolherá em seu seio maternal. Parece que tal *Epopéia* teria de ser, no futuro, um poema ainda mais longo, porquanto o Autor apenas inseriu neste seu livro um «Oferecimento», constituído por três quartetos, e o «Excerto dum Canto», tudo composto em versos de doze sílabas. São versos que exprimem a ansiedade de conhecer o Incognoscível, penetrar nos abismos da Imensidade, compreender o Tempo e o Espaço, sondar o Passado e o Futuro, como aqueles em que, quase a terminar o seu brilhante hino, exclama:

*Eu sinto do Infinito o palpitante anseio
a dilatar meu peito...
E como um vasto mar*



LUÍS DE MAGALHÃES

*de agitação convulsa, ignota, secular,
eu vejo revolver no leito do Infinito
os vagalhões da Forma. Esplêndido conflito!
épica e eterna luta em que a Vida — um momento —
é a palma da vitória!*

*Adeja, ó Sentimento,
por sobre o tempo e o Espaço: embebe-te na Luz!
Inspira-te no Imenso, e ao depois traduz
—se podes traduzir as notas da Poesia—
toda essa maravilha e toda essa harmonia
que a tua alma entreviu na Imensidade augusta!*

Têm, como se vê, elevação de pensamento os versos de Luís de Magalhães, certo fôlego de inspiração, a qual busca vários dos seus temas no campo sério da ciência e da especulação filosófica. Cultiva o autor um lirismo em que se tinham imposto, como figuras de primeiro plano, que ele já admirava, Junqueiro e Antero de Quental. Não é só um poeta dotado de correcta forma e sentimento: é também um poeta que pensa, um espírito que se emociona com as ideias, tomando uma atitude intelectual que é um pendor característico da sua época. Algumas das suas ideias expressa-as este poeta-pensador no curioso Prólogo que escreveu para os «*Primeiros Versos*» e que começa por estas palavras: «Sem querer levantar celeuma, sem querer excitar debate literário pela opinião que perfilho, declaro desde já que estes meus versos estão fora, perfeitamente fora, do que por aí se chama escola realista e escola romântica; neles o que eu procurei fazer foi Arte — essa coisa eterna, que tem acompanhado constantemente o homem desde a primeira imagem, que ele gravou no seu primeiro machado de sílex, até às últimas estrofes, que ele baptizou com o nome de «*Légende des Siècles*». E a seguir: «Únicamente, tratando-se de fazer Arte, eu decidi-me a fazer Arte do meu tempo.»

Diga-se desde já que esta Arte, no campo da sua poesia, é a Arte parnasiana, tendo rejeitado, como declara, os caminhos do Realismo e do Romantismo, este já largamente ultrapassado no seu tempo ou a liquefazer-se nalgumas sobrevivências estéticas ou pseudo-estéticas de líricos ultra-românticos. Magalhães entende que as concepções científicas pertencem ao domínio da Arte, mas entende também que esses dois «grandes poderes do espírito», a Ciência e a Arte — não devem confundir-se. Cada uma dessas manifestações espirituais tem um carácter próprio. O instrumento da Arte é o Sentimento; o instrumento da Ciência é a Inteligência. Eis a sua diferença fundamental. Animado de um forte desejo de actualidade e renovação, faz esta pergunta aos críticos conservadores: «Hoje, que ao poder espiritual da Religião sucede o da Ciência, e ao poder temporal da

Guerra o da Indústria, quer a crítica conservadora que os artistas se fiquem nos tipos das Madonas e dos Orlandos?»

Aceitando a poesia filosófica, rejeita, contudo, todo o *didactismo*. Para os escritores que caíram nesse vício, a poesia não é senão «uma dissertação científica rimada». Considera-o anti-poético, porque é a negação do sentimento e não se compreende poesia sem sentimento. Quanto à expressão *poesia filosófica*, esclarece que por tal não se deve entender *ciência posta em verso*, mas *sentimento da ciência*, isto é, *sentimento científico da natureza e da sociedade*.

Não apresenta novidades formais este livro das primícias poéticas de Luís de Magalhães. As formas estróficas e rítmicas que emprega, são as correntes na sua época, quer dizer, as que já tinham sido encontradas para a expressão do pensamento e da sensibilidade da geração que antecederá a sua. Mas estes seus primeiros voos poéticos têm já um cunho distinto e pessoal, e marcam a primeira fase da evolução do seu lirismo.

«As Navegações»

No ano de 1880 celebrou-se, como se sabe, em todo o Portugal, a passagem do terceiro centenário da morte de Luís de Camões. A mocidade académica de Coimbra participou nessas comemorações, levando a efeito diversas festas literárias que se prolongaram pelo ano seguinte. Uma dessas festas foi aquela em que, em transportes de entusiasmo patriótico, o poeta António Feijó declamou, no Teatro Académico, a sua longa poesia *Sacerdos Magnus*, de homenagem ao Épico eminente. No mesmo Teatro, no sarau literário realizado, em 1881, na véspera da inauguração do monumento a Camões, Luís de Magalhães, já quartanista de Direito, recitou eloquentemente o poema que escrevera com idêntica finalidade: «*As Navegações*» ⁽¹⁾.

O Mar e a sua influência mágica no temperamento dos portugueses; a tentação profunda e constante que o mistério oceânico exerceu na alma lusitana; a evocação das maiores figuras lusas, ligadas à expansão gloriosa de Portugal no mundo, desde o Infante e o Gama até Albuquerque e Pacheco, nesses dois séculos da «portentosa empresa»; e, por fim, a evocação do gigantesco vulto de Camões e da sua Epopeia,—eis o assunto do poemeto, todo construído em versos alexandrinos, sonoros, correctos e repassados de elevado patriotismo.

Inteligentemente, destacou o Autor o poder fortemente estimulante

(1) Datado de 4 de Maio de 1881, foi o poema impresso na Imprensa da Universidade e publicado no mesmo ano.

do poema camoniano, despertador das energias vitais da Nação, mormente em períodos de desalento e decadência. Afirma:

*Mas quando, já sem força, este país morria,
vibrou então no mundo o poema de Camões!*

*Vibrou profundamente o canto triunfal!
a epopeia da pátria! um hino de Vitória,
que lembrava ao futuro a plêiade imortal
dos trágicos heróis da nossa antiga História!
Vibrou a estranha voz dum Génio colossal,
que tinha a nostalgia homérica da Glória!...*

E é a influência dessa autorizada voz, e são as dinamizadoras palavras desse exaltante canto patriótico que o faz exclamar, numa antevisão do futuro da Nacionalidade:

*Avante, avante pois! Nem tudo se acabou!
Desde então para cá a História transformou
as armas do combate. É outro agora o mundo,
é outra agora a luta e outro o mar profundo,
sobre o qual temos de ir, soldados triunfantes,
desfraldar no Futuro os pavilhões radiantes!
Brame em torno de nós o mar do Pensamento
em cuja imensidão um prodigioso vento,
o vento da Progresso, impele a nau da Ideia.*

Confiante em novo e grandioso triunfo da velha pátria portuguesa, que vencerá tempestuosas lutas e «as ondas tenebrosas da Dúvida» para alcançar esse «Oriente» a que se chama Verdade, termina o seu cântico com estes alexandrinos proféticos, que anunciam uma maior glória futura para o imortal autor de «*Os Lusíadas*»:

*Ó velho Portugal, avante nesse Mar!
Com a crença do Bem em nossos corações
um outro Novo Mundo iremos conquistar,
— que há-de ser a maior das glórias de Camões!*

Com este seu poema, entrou Luís de Magalhães no coro geral entoado pelos poetas portugueses, de norte a sul do país, aquando das celebrações do tricentenário da morte do grande Épico lusitano, — um coro de homenagem àquele que fora seu irmão de raça, mas maior na arte e no infortúnio.

De certo modo, já se encontra em «*As Navegações*» o futuro poeta da obra «*D. Sebastião*», na qual surgem idêntica forma poética, idêntica linguagem e o mesmo fogo patriótico, crepitando vivamente ao longo das suas numerosas páginas. Alguns anos mais tarde, ao prefaciá-la, em 1884, outra obra lírica de Luís de Magalhães — as «*Odes e Canções*» —, escreveu Oliveira Martins que especialmente no poemeto «*As Navegações*» ele «mostrou dotes superiores de pintor histórico, denunciando aquelas faculdades de se introduzir na atmosfera moral de uma época com uma impessoalidade que é para esta ordem de coisas o primeiro e indispensável requisito. Aquele quadrinho é vivo: deviam ter sido assim os portugueses de então, deviam estar inspirados de tais sentimentos, deviam ser movidos por tais impulsos». E acrescentou: «Possuir o condão particular de pintor ou poeta histórico e possuí-lo tão genuinamente português é caso raro». Digamos também que será caso ainda mais raro encontrá-lo em poetas de tão jovem idade, porquanto Luís de Magalhães não teria mais do que vinte e um anos no momento em que elaborou e declamou a sua brilhante produção no patriótico sarau literário do Teatro Académico de Coimbra. ⁽¹⁾

«*Odes e Canções*»

Dezoito canções e seis odes constituem este novo livro de versos de Luís de Magalhães. O título não corresponde à ordem por que, no volume, são apresentadas as poesias (primeiro, as *Canções* e, depois, as *Odes*), feitas, aliás, todas elas, no período compreendido entre os anos de 1881-1883. Motivo? Apenas nos acode uma razão de estética da linguagem. Com efeito, a expressão *odes e canções* impõe-se pela sua eufonia, o que não sucederia se nela se verificasse a inversão dos dois vocábulos. Ao exigente ouvido de artista de Luís de Magalhães a deficiência sónica não poderia escapar e daí a sua natural decisão em fazer vingar o que se lhe afigurava, com razão, de melhor sonância. Estes problemas de harmonia da linguagem, se são de atender quando se trata de prosa, são ainda mais exigentes e delicados sempre que se trate de poesia.

Mas quais os temas abordados pelo Autor nas *Canções*, isto é, na primeira parte do livro? Esses temas são o Amor, a Saudade e certa determinação pessoal em descortinar o Futuro, num anseio de conhecer o que a Vida lhe reservará... Tais motivos, quer dizer, a sua específica

(1) Numa reedição do poema, seria preciso considerar certas emendas feitas pelo próprio punho de L. de Magalhães num exemplar seu, em cujo texto indicou várias correcções, no sentido de melhorar a frase e o verso. Uma das indicações diz respeito à divisão do texto em partes. Assim, a 1.^a chamar-se-ia *Sagres*; a 2.^a *A Viagem*; a 3.^a *Alcácer-Quibir* e a 4.^a *Os Lusíadas*.

natureza e também a juvenilidade do Poeta explicam o tom romântico de várias composições, e não só relativamente à sua atitude sentimental como ainda à linguagem empregada. São geralmente simples os assuntos: ora compara as tempestades do mar às tempestades da vida, em que o coração humano é, por vezes, rochedo inabalável resistindo aos embates da existência (*Estas Canções*); ora assevera que o amor é sentimento de todas as épocas da vida, desde que se nasce até que se morre: o amor de mãe, do jovem namorado, da esposa, do pai, formando um ciclo que eternamente se renova desde a infância até ao fim da existência (*O Amor*); ora, inspirando-se no sentimento agri-doce da saudade, exprime aquele particular sofrimento causado pela ausência do bem amado, dessa «visão bendita» que a sua alma persegue ansiosamente (*Saudade*). Outras vezes, são os ingênuos sentimentos da mocidade, dessa época de sonhos, dos devaneios, das ilusões, expressos com inocente simplicidade e o grato perfume de humildes flores (*As Violetas*), ou é a tristeza causada pela solidão e por um rememorar saudoso de acontecimentos passados (*Viuvez*).

Com frequência alude o Poeta, nos seus versos, à velhice — velhice das coisas e das pessoas —, ele que, ao escrevê-los, era um jovem de vinte e poucos anos, em plena robustez física, mais propiciadora de espectáculos de força e alegria do que de quadros ou visões de decadência. Com um sentimento agudo do efêmero e do aniquilamento fatal de tudo quanto existe, afirmará na canção *Quando tu fores velha*, traduzida do italiano Lourenço Stecchetti:

*Quando tu fores velha, ao ler, um dia,
os pobres versos meus, junto ao fogão,
recordarás na tua fantasia,
talvez, esta paixão...*

.....

*Vem. Se na vida não quiseste dar
teu coração ao meu amor ardente,
ao menos vem comigo descansar
na cova eternamente.*

Mas o aniquilamento dos indivíduos tem para este Poeta um sentido especial, que expôs, artisticamente, em alexandrinos e hemistíquios, na composição *A Morte*: A vida é a sombra de um *nada* que passa sobre a terra. O corpo, depois de morto, irá levar força e seiva, disperso em glóbulos, a um outro ser. Tal como se repercute, na Natureza, a luz e o som, assim tem o homem o dom, a faculdade da revivescência, podendo ele reviver na saudade de alguém ou na mente dos que amou.

*Pois mesmo até o Amor, o eterno sentimento,
por fim que vem a ser?
É um morrer suave, um aniquilamento
de um ser num outro ser...*

*E a saudade prolonga a vida além da Campa,
bem como o doce poente
que, no rubro horizonte iluminado, estampa
o rosto ao sol ausente.*

Na *Estrada da Vida*, poesia que revela excelente linguagem poética e denota certo fôlego de realização, dirigida a uma boa e amiga companheira, tem por base o seguinte pensamento de Gustavo Droz, citado à cabeça dos versos: «Il est si bon de se sentir aimé, d'entendre à côté de soi le pas régulier de ses compagnons de route...».

O conhecido tema da *Taça do Rei de Tule* foi igualmente tratado e comentado numa ligeira canção, de verso setessilábico, fluente e agradável, — tema também abordado por Antero de Quental, que viria a ser ou já seria um mestre de Luís de Magalhães.

Num instante feliz da sua vida, escreveu o Autor três sonetos sob o título de *Três Épocas*, dos quais sobressai o segundo, verdadeira explosão de luz íntima e alegria, causada por um súbito e deslumbrante despertar do Amor no seu coração desalentado:

*Como a aurora que inunda, vagarosa,
de luz e de alegria o firmamento,
assim, um dia, a luz dum sentimento
rompeu na minha noite silenciosa...*

*A pouco e pouco a treva lutuosa,
que me envolvia em negro desalento,
tombou além no mar do esquecimento,
e a alma encheu-se duma luz gloriosa.*

*Agora sinto em mim, forte e vibrante,
esse cântico enorme e retumbante
que a luz do sol entoa no Infinito...*

*O amor—sol doutro céu—canta em meu peito
esse hino de esperança e luz—que é feito
das radiações do teu olhar bendito...*

Aos seus condiscípulos, quintanistas de Direito em 1881-1882, dirigiu o Poeta um *Adeus*, sentida despedida de quem, ainda antes de partir, já sentia vivamente o doce espinho da saudade ferir-lhe o coração e previa as íntimas lembranças de um passado venturoso, decorrido ligeiramente nessa formosa e enfeitante Coimbra, para sempre gravada nas almas jovens dos que nela passaram o melhor da mocidade, dessa época feliz, «em que a capa e a batina/cobrem no nosso peito uns corações de poetas». Eis o que sentiu o quintanista Luís de Magalhães, que líricamente personificou o que sentiram e sentirão muitos outros quintanistas dos vários cursos da velha Universidade:

*Meus amigos, adeus! Em breve separados,
cada qual seguirá na Vida a sua estrada,
mas, um dia, talvez, sentindo-nos cansados,
volveremos atrás a vista fatigada.*

*e então hão-de surgir, envoltas em saudade,
as horas joviais da nossa companhia,
as ilusões, o amor, a crença, a mocidade,
o entusiasmo sincero e ardente de alegria.*

.....

*E os anos de Coimbra, esta vida ligeira
como a alegre canção duma ave matinal,
havemos de contá-la, em noites de lareira,
com lágrimas, talvez, no nosso olhar leal!...*

*E quando, velhos já, virmos os filhos nossos
seguindo este caminho, alegres e risonhos,
lembraremos também o tempo em que nós, moços,
fantasiámos aqui os mais ridentes sonhos...*

.....

*Meus amigos, então, ao declinar da vida
na noite sepulcral, pensai no companheiro,
que hoje diz este adeus de eterna despedida
à quadra jovial do nosso Abril fagueiro!...*

☆

☆

☆

São pròpriamente em número de cinco as odes deste volume, visto a primeira não ser mais do que uma invocação feita à *Musa* pelo Poeta para que o inspire e ajude a compor poesias de um género mais elevado. Não se trata agora de abordar os assuntos próprios das Canções, em que o Amor e as suas implicações sentimentais são os temas geralmente aceites. Agora, os motivos são outros e outro o tom das composições. No tom altíssimo da epopeia, pretende o Poeta elevar-se aos páramos da Ideia, às «comocões supremas» da História, escutando a voz das Gerações, profundando a grandeza do Oceano, ouvindo a Natureza, interrogando as Estrelas... Os mistérios da Criação atraem-no e anseia integrar-se nesses mistérios para obter o conhecimento directo e positivo do que é esse «prodígio» — a Vida:

*Alucina-me a Vida; assombra-me o Infinito;
atrai-me do Mistério o nebuloso mito!*

*Desejava poder no Espaço mergulhar,
ser átomo no mundo, ondulação no mar,*

*ser um raio de sol, um glóbulo de seiva,
germinar como um grão sob os torrões da leiva,*

*para saber que força ou mão desconhecida
opera, em torno a mim, este prodígio — a Vida.*

*Por isso, ó Musa. esquece os cânticos do Amor:
immerge no Infinito o olhar perscrutador.*

*E das simples Canções eleva-te, se podes,
num largo voo audaz aos píncaros das Odes.*

Aos maiores espíritos da época dedicou Luís de Magalhães as suas cinco odes: O *Apocalipse*, a Teófilo de Braga; *Visões dum Mito*, a Oliveira Martins; *Ode aos Artistas*, a Eça de Queirós; *Vae Victoribus!*, a Guerra Junqueiro, e *A Estátua e o Esqueleto*, a Antero de Quental.

Em *O Apocalipse*, exprimiu o Autor, em versos plenos de solenidade verbal, a sua crença no triunfo da Justiça como um juízo final da conduta do homem num mundo onde sempre se travaram as lutas dramáticas do Mal e do Bem :

*A Justiça há-de vir triunfadora, um dia,
como o férreo Senhor, que o velho evangelista
entreviu na visão da estranha profecia,
e há-de o seu paraíso abrir-se à nossa vista.*

Então, serão exaltados os heróis, as vítimas e os justos, enquanto que os maus e os réprobos serão amaldiçoados. Através da «coeva decadência», será o poeta quem verá, em sonhos, o brilho dessa «luz do Bem»,— o poeta, esse *visionário eterno da verdade/ o apóstolo do Bem, o precursor da Ideia*.

Visões do Mito é uma composição de agradável ritmo, constituída por duas partes distintas, mas que intimamente se ligam pelo pensamento expresso: *A Esfinge e a Quimera*. A primeira é o monstro que simboliza o mistério da Verdade, a impenetrabilidade angustiosa da Certeza campeando «no deserto olímpico do Oculto»,—monstro teimosamente silencioso e mudo, apesar das palavras de Cristo, Brama, Jeová, Platão, e Maomé. A *Quimera* é a personificação de mitos e fantasmas, derrubados pelo esforço tenaz e heróico do homem, a quem dominavam «as sombras do terror, as legiões dos medos, os vultos infernais». Representado por Belorofonte, lutou contra eles e acabou por triunfar. Triunfou a Razão, e assim todos os mitos da Crença e da Fé—«deuses espectrais, fantasmas do terror»—sumiram-se nas sombras da Antiguidade...

A *Ode aos Artistas*, consagrada, como dissemos, a Eça de Queirós, porventura a mais interessante de todas as odes, inicia-se por uma calorosa incitação aos Artistas para que despertem e sigam a nova estrela que despontou no mundo, o novo Ideal e as novas eras que cumpre saudar e fixar através de inspiradas obras de escultura, poesia e pintura. Tal como nas épocas passadas,—a Antiguidade Oriental, a Grécia, a Idade Média, o Renascimento—, também «o nosso tempo» deve deixar de si ao Futuro algo que o assinale condignamente, isto é, *um mundo de portentos/ de génio e criações*. Uma série de génios é, em seguida, admirativamente evocada, dos maiores que teve a Humanidade, génios das letras e das artes, que foram marcando as diferentes idades com as suas obras eternas: Homero, Píndaro, Safo, Fídias, Virgílio, Ovídio, Dante, Rafael, Miguel Angelo, Tasso, Camões, Shakespeare, Rubens, Rembrandt, Murillo, Mozart, Bee-

thoven, Goethe, Byron, Musset, Vítor Hugo e Balzac. Dos três últimos dá-nos o Autor uma síntese nestas duas estrofes:

*Pela voz de Musset vibramos nobremente,
do pranto, das paixões, do gozo o canto ardente,
alucinado ou céptico;
e por nós Vítor Hugo até à extrema idade,
saúda a luz, o bem, o amor, a liberdade,
com seu estro profético!*

*Escalpelando, abrindo o Coração humano,
explorando, sondando esse agitado oceano,
na febre do Real,
Balzac, um nosso irmão, anima essas visões
— os vultos, que condensa em grandes criações
o seu génio imortal!*

Finalmente, volta o Poeta a incitar os Artistas a cantarem tudo quanto vive, tudo o que tem um eco no coração humano, os *murmúrios da Alma* e a *voz da Criação/ o Átomo e a Imensidade*. Todas as notas que puderem fazer vibrar o Sentimento, não devem deixar de ser entoadas pela lira dos actuais vates:

*E desde a Estrela à Flor e do Infinito ao Nada,
desde a Noite sombria à límpida Alvorada,
desde a existência à Morte,
do Inconsciente fatal ao livre Pensamento,
— o Universo atravessa o nosso Sentimento
num épico transporte!*

*Vamos! lançai o olhar à vastidão do Mundo,
soltai a inspiração com o vigor profundo
das lavas de granito...
Rasgai o coração, se o coração é estreito,
até que possa, enfim, caber no nosso peito
a sombra do Infinito!*

Vae Victoribus! é uma curiosa ode, em que transparecem as ideias pacifistas de Luís de Magalhães. É talvez esse o seu principal interesse. O assunto derrama-se extensamente por uma série de quadros, nos quais se descreve o fim de uma batalha, um soldado que agoniza, abandonado e só, um canhão que *fala* para exprobrar a atitude homicida daquele, levado pelo

ódio (ou, até, sem ódio) a matar tantos dos seus irmãos. Responde o soldado, que se defende da acusação argumentando com a vida tranquila e simples que levava na sua aldeia, e com o apelo que lhe fizeram para lutar pela pátria, da qual fora apenas um « braço escravo ». A fala final é a de um Corvo, de um velho corvo centenário, que, censurando igualmente os homens pela sua ferocidade, termina com estas palavras irónicas:

*E é em ti que se agita o Génio transcendente,
o Génio que domina e sonda a Criação!
És o deus: nós a besta humilde. Únicamente
os corvos entre si não se devoram, não!*

A última ode, de nome *A Estátua e o Esqueleto*, a que é oferecida a Antero de Quental, compreende três partes, assim designadas: *A dança macabra*, *Diálogo das idades* e *A última voz*.

A *dança macabra* é, realmente, uma cerimónia impressionante de esqueletos saídos das sepulturas existentes numa catedral para falarem entre si: todos afirmam a vaidade das coisas terrenas e a igualdade a que todos os seres estão sujeitos na morte, de nada valendo força, dinheiro, poder, formosura... E o diálogo continua no *Diálogo das idades*, entre uma bela Estátua, esculpida por primoroso cinzel da velha Hélade, e a Morte também prefigurada num esqueleto. A Estátua representa a vida dos sentidos, o gozo pagão da vida, enquanto que o esqueleto (a Morte) significa a vida além-túmulo, a vida e a glória eternas. Apesar dos argumentos e razões do Esqueleto-Morte, não se deixa convencer a Estátua-Vida, sempre saudosa « dos astros de Levante », do *tempo vitorioso/ em que tivera aos pés a Grécia florescente*. No fundo, o *Diálogo* pretende traduzir e pôr em relevo a diferença fundamental e a impossibilidade de harmonia entre duas idades e duas religiões. *A última voz* é a voz da Terra, uma voz que afirma que tudo deve regressar ao seu seio, ela mesmo já « um montão de ruínas », um « mausoléu profundo »; tudo deve desfazer-se, pulverizar-se e voltar ao « informe montão dos duros minerais », integrando-se na própria morte da Terra, isto é, no cemitério que será a Terra, da qual desaparecerão para sempre paisagens, primaveras, formas, vida, movimento...

Nesta composição de 33 páginas, a mais extensa de todas as odes, deve notar-se, além da largueza de imaginação do Autor, a sua tendência, no momento, para imprimir carácter tétrico aos assuntos versados, tingir de cor funérea algum do seu pensamento, ao menos externamente, como o fizeram os líricos ultra-românticos com o seu gosto acentuado pela poesia género humor negro... Confesse-se ainda que algumas concepções expostas nos versos desta ampla composição poética são um tanto nebulosas, pois o realismo da Ciência teve de ser sacrificado à idealização do Poeta.

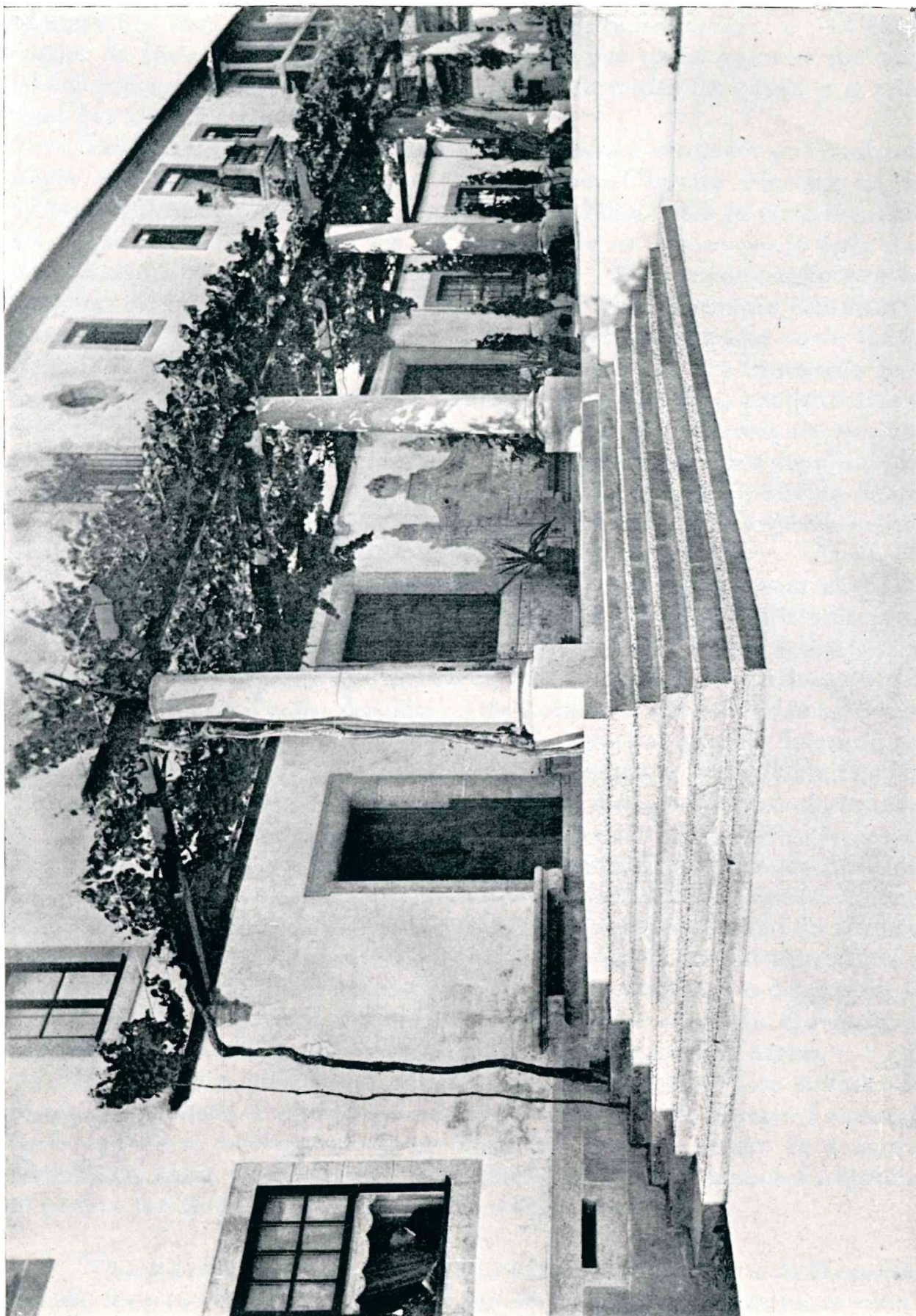
No importante Prólogo escrito pela pena de oiro de Oliveira Martins, fez este escritor o balanço intelectual e estético das «*Odes e Canções*» de Luís de Magalhães, em quem reconhecia «uma intuição sentimentalmente profunda ao exprimir as comoções apaixonadas». E embora não deixando de apreciar as primeiras, era às *Canções* que ele dava a sua preferência. Escreveu:

«Eu não prefiro as *Odes*. Há no meio das *Canções* um ramalhete de *Violetas* tão melancòlicamente perfumadas, tão suaves, tão modestas e ao mesmo tempo tão puramente ideais, que essas violetas bastariam para engrinaldar o livro inteiro». ...«Eu prefiro as *Canções* porque, antes dos vinte e cinco anos, o que sinceramente entusiasma a nossa alma são as emoções naturais, próprias dessa primavera deliciosa da vida: é o amor da nossa mãe, é o doce amor da nossa esposa querida, é a esperança de um filho quando o berço ainda está em botão, é a lembrança do ninho que se deixa e a atracção do novo ninho que formamos, conchegado e alegre, risonho e encantador»... «A idade do nosso autor, é pois, o primeiro motivo da preferência que dou às *Canções*. Não serão as *Odes* igualmente sinceras e igualmente sentidas? São, não há dúvida; e, por isso, este livro tem, todo ele, o cunho da verdadeira Poesia — a sinceridade.»

A estas justas palavras do glorioso historiador e crítico, acrescentaremos que a ternura dum poeta de coração sensível, largamente derramada nas páginas de sentidas *Canções*, fica bem ao lado das manifestações de pensamento também largamente expostas nas estrofes de bem elaboradas *Odes*. Umas e outras completam-se, porque dão uma medida mais exacta do ser sensível e pensante que foi o seu Autor,— o mesmo ser que já se revelara nitidamente sob o duplo aspecto do sentimento e do pensamento no seu inicial livro de poesias.

«D. Sebastião»

Catorze anos medearam entre a publicação das «*Odes e Canções*» e o novo livro de versos de Luís de Magalhães: o poema «*D. Sebastião*» Contudo, já em 1884 o teria na mente ou mesmo iniciado, a avaliar por certa afirmação de Oliveira Martins, escrita, naquele ano, e no final do prefácio daquela obra: «*D. Sebastião* é o único assunto capaz de inspirar um grande poema português... Uma vez, Garrett encontrou-se com o sebastianismo, e isso bastou para que, no quadro das suas obras de artista,



Casa da Quinta do Mosteiro
(Moreira da Maia)

surgisse um monumento de génio, o «*Frei Luís de Sousa*»... O futuro poema de Luís de Magalhães será aclamado por todos aqueles que só do sebastianismo esperam já agora a solução dos males da pátria e o ponto final das nossas atribulações».

Infere-se, por conseguinte, deste asserto, — e ninguém que conheça a teoria histórica do Sebastianismo exposta por Oliveira Martins na sua «*História de Portugal*» o estranhará —, que Magalhães já teria concebido o seu novo poema, no todo ou em parte, e de tal concepção já teria dado conhecimento ao seu eminente mestre e amigo. Da sua concepção e talvez, também, do início da sua realização. Mas a sua elaboração completa foi lenta, durou anos, o que fez dizer a António Nobre, numa carta inédita dirigida a Luís de Magalhães, que o seu poema lhe dava a impressão de ter sido escrito em épocas diferentes. Talvez houvesse algum proveito com tal demora, pois não teria faltado tempo ao Autor para exercer na sua obra aquela *lima* a que se refere Horácio, emendando, polindo e repolindo um trabalho da mais alta importância e magnitude. E não há dúvida de que, no ponto de vista literário, pelo menos, verifica-se um inegável e acentuado progresso, relativamente às obras poéticas anteriores.

No poeta e no escritor que foi Luís de Magalhães havia uma fibra patriótica que se revelara publicamente aquando do tricentenário da morte de Camões, efeméride que o seu portuguesismo quis deixar assinalada no poemeto «*As Navegações*», que escrevera, como atrás deixámos afirmado, para recitar, em 1881, no Teatro Académico de Coimbra. A sua longa actividade política foi uma consequência dessa fibra patriótica, que lhe determinou a participação, a partir de 1885, no movimento chamado *Vida Nova*, fundado e dirigido por Oliveira Martins, e a entrada na redacção do jornal portuense *A Província*, de apoio àquele patriótico movimento. Em 1890, por ocasião da emoção nacional que causou o ultimato inglês, ele foi dos que influíram em Antero de Quental para que aceitasse presidir à Liga Patriótica que se formou no País, após aquele ultimato. Sinceramente desejando o renascimento da vida nacional, desfeita por constantes lutas políticas, Luís de Magalhães não se exime a exercer diversos cargos públicos: o de governador civil de Aveiro, em 1892, sendo José Dias Ferreira chefe do Governo, e o de deputado, em 1897, como independente, pela Póvoa de Varzim.

É de 1898 a publicação do poema «*D. Sebastião*», isto é, dois anos depois de ser dado à publicidade o livro «*Pátria*», de Guerra Junqueiro. Teria este livro determinado a conclusão e a imediata edição do poema de Magalhães, como evidente resposta a certos passos, considerados negativos, do poema junqueiriano, de êxito largo e clamoroso?

Numa das *Notas* explicativas do seu livro, declarou Luís de Magalhães que ele teve «ao menos, o mérito de ser uma laboriosa tentativa de restau-

ração duma grande lenda nacional», lenda tão enraizada na alma do povo que perdurou por mais de dois séculos, extinguindo-se apenas em meados do século XIX por motivos de ordem política e intelectual: o abalo produzido pela revolução liberal e o alargamento do espírito crítico moderno. Encontrando-se, no seu tempo, «de todo morta e ignorada», pretendeu ressuscitá-la e, para tal, apoiou-se na teoria histórica do Sebastianismo, que é — afirmou ele — «um dos mais fulgurantes rasgos de génio desse grande e malogrado espírito que se chamou Oliveira Martins», e também «o alicerce, a pedra angular» do seu poema, que não poderá ser perfeitamente entendido sem o conhecimento dela.

Lançando os olhos para a incerta e confusa situação política e social do seu tempo, seria grato ao seu espírito criar um poema nacional em que, evocando as grandezas pátrias do passado, pudesse exprimir aos portugueses dessa hora os seus anseios e os seus votos de regeneração total e a sua fé no futuro da Nação. Servir-se-ia, para esse efeito, de uma lenda — o Sebastianismo — e de uma figura nacional também já lendária — D. Sebastião. Este «aparece-nos como uma personificação popular inconsciente da velha alma portuguesa, heróica e mística, de que já, na decadência do nosso grande ciclo, o D. Sebastião da história fora uma anacrónica reaparição. Para o Povo, o Rei não morreu na batalha; anda *encoberto*, fazendo penitência, e há-de voltar um dia para recuperar a coroa e deslumbrar o mundo com os seus feitos, fundando, enfim, esse Quinto Império — reinado feliz do Bem, expresso na fé cristã. Por isso, como já se viu, a cada sucesso da nossa história, que parece levantar-nos do abatimento em que ficámos jazendo depois de Alcácer-Quibir e do domínio espanhol, o Sebastianismo reaparece e as figuras históricas, mais intimamente ligadas a esses sucessos, são, aos olhos do Povo, como avatares do seu Herói amado».

«Tomando, portanto, a individualidade de D. Sebastião — continua a afirmar Luís de Magalhães nas suas *Notas* — e, sobretudo, as lendas que sobre ele se formaram em seguida ao desastre de Alcácer-Quibir, para tema de um poema nacional, — o meu primeiro trabalho foi procurar, em assunto tão vasto, a forma mais apropriada à minha ideia poética. Que fazer? Um poema estritamente histórico, crónica rimada ou, então, minuciosa reconstituição erudita da vida e da personalidade do último Rei Cavaleiro? Uma tragédia? Um romanceiro heróico? Uma epopeia modelada pelo tipo clássico? Uma fantasia sentimental, como a que Scribe architectou sobre este mesmo assunto, para dar um *libretto* a Donizetti? — Nada disto me servia, porque, em qualquer destes moldes, mal caberia a parte puramente lendária da obra, que, desde a primeira sugestão recebida, se me afigurou a mais importante, a principal».

«O poema a fazer não era o poema *histórico* de D. Sebastião: era o poema *lendário* do Sebastianismo». «Por outro lado, a lenda, em si, teria

apenas um puro valor poético. Era preciso ir ao fundo das coisas, buscar o significado moral dessa lenda, o seu simbolismo histórico. Desta forma, poder-se-ia fazer um poema que seria, a um tempo, *real e fantástico*, um poema que seria a história expressa pelo símbolo da lenda — espécie de fantasmagoria estético-filosófica de que o segundo «*Fausto*» é o imortal arquétipo. Foi por esta forma, pois, que me dicidi».

São esclarecedoras e eram necessárias estas *Notas*, colocadas pelo Autor no fim do volume, para uma perfeita compreensão da génese e do pensamento guiador da desenvolvida obra poética. Por isso, e para não fugirmos à expressão fiel das suas ideias, utilizámos as suas próprias palavras, claras e correctas como é timbre do seu estilo.

Diga-se ainda que Luís de Magalhães se apropriou, com a sua inteligência e com o seu coração, do conteúdo de todas as numerosas obras existentes — erónicas, memórias, histórias, relações — acerca da personalidade de D. Sebastião e das lendas sebásticas, e que foram escritas por D. Manuel de Meneses, Pedro de Mariz, Diogo Barbosa Machado, Fr. Manuel dos Santos, Jerónimo de Mendonça, Padre Baião, Fr. Bernardo da Cruz, Miguel Leitão de Andrade e por outros escritores anónimos. A leitura e o estudo de todas elas consciencializaram-no completamente para a concepção e a factura de um poema, cuja responsabilidade e cuja dignidade artística não podiam deixar de ser criteriosamente ponderadas por uma escrupulosa consciência crítica como era a sua.

✱

☆

☆

De duas partes essenciais consta o poema: a primeira intitula-se *O Capitão de Cristo* e a segunda *O Encoberto*. Pertencem à primeira as peças intituladas *O Desejado*, *Vigília de Armas* e *Alcácer-Quibir*. Nessas três peças palpita todo o ciclo de vida de D. Sebastião: o seu nascimento; o seu breve reinado e preparativos da expedição a África; a sua derrota e desaparecimento em Alcácer.

Um ambiente de preocupações e angústia rodeia o seu nascimento, tão *desejado* pela Nação, como príncipe que será o seu Rei, que sonha e anseia ser também «o capitão de Cristo», por vontade divina. Essa aspiração pretende realizá-la nos plainos africanos, entre gentes infiéis. Antes, porém, deseja ouvir a voz dos passados monarcas, seus predecessores. É a sua *Vigília de Armas*, no interior do mosteiro da Batalha, onde repousam os seus maiores, que levaram a Pátria aos esplendores da glória. Respondem-lhe com incitamentos:

Ó Neto heróico, alma de crente,
Segue o teu sonho refulgente,

*A espada em punho e a cruz erguida.
E, por teu sonho refulgente,
Dá o teu sangue e a tua vida!...*

Na vasta planície, «por onde o Lukkus rola a sua água esverdeada», trava-se a batalha, que fez que se perdesse, em breves horas, uma Coroa e uma Pátria. São de decepção e dor as palavras do Rei-Cavaleiro, que sempre pretendeu agir como Capitão de Cristo:

*Adeus, pois, ilusões que eu vi no pó baquear,
Sonhos de Glória e Fé, cujo acordar me aterra,
Mortos, que ides dormir sob a paz do luar!...*

*Pátria, Reino, ambições — tudo o que esta alma encerra.
Adeus, Adeus! O Herói, volvido em Penitente,
Vai, debulhado em pranto e face contra a terra,*

Na solidão dum ermo orar eternamente!

O Rei vencido parte para o Deserto onde lhe aparece a Sombra dum Ancião — Deus — que lhe profetiza um triste destino:

*E, assim, hás-de seguir, triste fantasma obscuro,
Pelos séculos fora, a senda do Futuro,
Como um pobre exilado,
A chorar e a pedir à Pátria adormecida,
Que te abra o coração, que dê, por fim, guarida
À Alma do Passado!*

Esta intervenção divina marca o início da segunda parte do poema, a mais longa, e intitulada, como se disse, *O Encoberto*. É subdividida em três cantos, assim epígrafados: *Transfiguração*, *A Penitência* e *A Ilha Encoberta*. Eis a sua súpula:

Transfigurado, por decisão de Deus, em Penitente, D. Sebastião empreende uma viagem por mar em direcção ao solo pátrio, diante do qual evoca a gloriosa história do seu País. Desembarca e dirige-se ao convento dos Jerónimos. Depois, vagueia pela Cidade, então escrava de Castela, como toda a terra portuguesa. O Peregrino patenteia a sua enorme dor e, deslocando-se a outros lugares pátrios, vai, com lágrimas, desfiando tristezas, infortúnios e censuras que são, afinal, as censuras, os infortúnios e as tristezas da Pátria. Dois séculos de história são, depois, analisados e julgados por ele, insurgindo-se amargamente contra o crime, a traição, a

devassidão, o sacrilégio, que desventuradamente têm surgido na terra lusitana. Tem a coragem de denunciar e condenar os defeitos graves de nobres e de monarcas. O espectáculo do terramoto da capital não é para si senão a consequência da punição vibrada pelo braço justiceiro do Senhor, em face de tanta corrupção e tantos crimes. Mas a provação mais dura que sofreu, foi a partida da última Armada para terras de Além-Mar, levando um Rei fugido às legiões de um príncipe inimigo. Um coro de vozes dos infelizes cativos dos moiros na batalha de Alcácer anuncia ao Penitente o fim do seu fado: irá definitivamente para uma Ilha encantada, «whalala» de guerreiros, paraíso de Glória. O seu corpo adormecido é, com efeito, transportado para uma galé de marfim e oiro, que sulca as águas do mar, rumo a uma misteriosa Ilha «encoberta entre as áureas neblinas», onde vivem os antigos Heróis, divinamente, numa «impassível glória», despojados da sua forma humana e transformados em Sombras, do mesmo modo que os Génios ou os Vates. Numa Alcáçova, em esplendente trono, o Herói é recebido e aclamado por multidão de velhos Heróis e Génios, dentre os quais dirigem-lhe palavras de saudação, sucessivamente, Nun'Álvares, o Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Albuquerque e Camões. Este pede ao antigo Rei que refira àqueles velhos Heróis o que vira na Pátria quando a percorreu como Penitente e Peregrino. Acede o Rei que, depois de aludir às magníficas belezas naturais do solo natal, falou das grandes misérias por que ela passou em dois séculos terríveis, e da fé perdida. Contudo, havia ainda portugueses «bons, fiéis e sonhadores» que esperavam o seu regresso triunfal: era o Povo, abandonado, que aguardava um Salvador da sua Pátria.

☆

✧ ✧

Certo número de episódios esmalta de beleza artística o Poema. Nada menos do que dez constituem a parte intitulada *A Penitência*, que significa, conforme assevera o Autor, «a contemplação da decadência da Pátria. Nenhum dos episódios, que compõem este canto, tem origem lendária. São todos eles invenções poéticas, que obedecem à ideia de pôr face a face o símbolo da Alma Antiga e todos os sintomas da nossa dissolução moral e social, nas épocas subsequentes à Renascença». Subindo a um velho Castelo, na sua longa peregrinação expiatória pela terra portuguesa, D. Sebastião ouve a fala de Espectros, que se lhe dirigem: a *Torre*, símbolo da antiga Heroicidade lusa; a *Espada*, símbolo do velho valor militar dos guerreiros de outrora; a *Nau*, outro símbolo: o dos

gloriosos descobrimentos e conquistas. Assim se exprime essa antiga Nau, onde, em «sumidas letras», se lia o nome de *Portugal*:

*Em gloriosa manhã — soberba, empavezada,
Sobre as velas impressa a cruz floreteada,
Entre rolos de fumo e o som de artilharia,
Panos soltos à brisa e bandeiras a arfar,
— Em gloriosa manhã, fiz-me de vela ao mar,
Sulcando a vaga fria...*

*Ilhas verdes, surgindo entre róseos nevoeiros,
Promontórios fatais e cachopos traiçoeiros,
Âureas dunas, franjando erma costa selvagem,
Rios largos, correndo à sombra de palmares,
Tudo ante mim se ergueu, como um sonho dos mares,
Na minha longa viagem.*

*Mas, ai! tudo fugiu, como etérea miragem!
Dois séculos durou essa heróica viagem,
Entre glórias, baldões, misérias e destroços...
E, ao cabo dela, enfim, rota e desmastreada,
Aqui vim abrigar, em ermo areal varada,
Meus carcomidos ossos.*

*O vento já não enche as minhas largas velas ;
Já não afronto, ousada, as vagas e as procelas,
Nem se ouvem, da amurada, as peças retumbar...
Mas, numa penumbrosa e funda nostalgia,
Aqui me extingo ao sol, fitando, noite e dia,
A vastidão do mar!*

Plena de beleza literária é a descrição da Ilha Encoberta, onde, depois de cumprida a penitência, o Sebastianismo colocou o seu Herói, enquanto espera o momento do seu regresso à Pátria. Para o Autor, a criação mítica dessa Ilha tem seus laivos célticos ou ligúricos, de que se mescla a complexa etnia portuguesa. A lenda faz evocar a do Rei Artur, esperado por bretões da Inglaterra e do Continente para os libertar dos normandos, e guardado na ilha santa de Avalon por oito fadas. O mito é

idêntico. «De resto,—afirma—, todas as raças infelizes e oprimidas criam os seus Messias—um deus ou um herói libertador».

Requintou a arte de Luís de Magalhães ao conceber e descrever a misteriosa Ilha, para onde foi levado o Rei-Herói, em Galé de marfim e oiro, que tinha à popa um vulto alado, de mulher, empunhando um gládio e um ramo de viridentes louros. Não lhe faltaram formosura de palavras, suavidade de rimas nem sugestivas imagens para dar condignamente o quadro belo e único:

*Remos certos, golpeando o mar pausadamente,
A soberba Galé, toda branca e doirada,
Como um cisne a boiar sobre um lago dormente,
Na glauca solidão vai triunfantemente,
Misteriosa, seguindo uma rota ignorada...*

*Mar tranquilo, a dormir em morna calmaria,
Mar, onde, sem perigo, o nauta se descuida,
— Através dele e sob o resplendor do dia,
A áurea proa rasga a mansa vaga fria,
Qual cortante charrua em uma arada fluida.*

.....

*E a Galé, sem parar, toda branca e doirada,
Sob o esplendor da luz, vai no seu rumo ignoto...
— Onde irá, onde irá, nas ondas balouçada?
Onde irá sobre o mar, como nau encantada,
Em demanda dalgum áureo país remoto?...*

*Mas já de longe vem o alcione ligeiro,
Soltando, no alto Azul, o seu piar gemente...
Já, na fímbria do mar, erra um vago nevoeiro...
E, do cesto da gávea, atento, um marinheiro
«Terra!» exclama, estendendo o braço ao Ocidente.*

*Ténue faixa de fumo, em vaporoso traço,
Levemente se esfuma, ao largo, a negrejar...
Cóas mil asas de fogo, adeja o sol no Espaço.
E, junto ao chapitéu, o Herói, coberto de aço,
Os braços sobre o peito, olha sereno o mar.*

*E, então, além... além... sobre as águas hialinas,
— Oásis a verdejar no deserto dos mares —
Uma Ilha, encoberta entre as áureas neblinas,
Ergue calma, na luz, suas leves colinas,
Seus bosques aromais, seus lânguidos palmares...*

*Parece feita só de raras pedrarias...
Fantástica visão, vago país de Sonho,
Suas montanhas são como ametistas frias,
De esmeralda os vergeis, de lazúli as baías
E de safira o céu, translúcido e risonho.*

*Róseos flamingos e garças de alva plumagem
pairam altos, no azul, num voo circular.
Aromas tropicais vêm nas asas da aragem...
E sobre as águas, como invertida miragem,
Outra ilha irremente afunda-se no mar...*

*E a soberba Galé, toda branca e doirada,
Voga lesta, ao ranger isócrono dos remos.
E a equipagem, dispersa ao longo da amurada,
Ao revê-la, saúda essa terra encantada,
Que o vasto Oceano encobre em seus confins extremos.*

.....

*Ei-la, com seus jardins, seus pórticos doirados,
Seus muros de alabastro, o seu alcáçar feérico,
Minaretes no Azul, com balcões rendilhados,
Estandartes arfando, às áuras desfaldadas,
— Como aérea visão dalgum país quimérico.*

*É lá que, em spectral legião, quase incorpórea,
Os antigos Heróis vivem/ divinamente.
Solenes, triunfais, numa impassível glória,
O verde loiro cinge a sua fronte marmórea
E um halo espiritual cerca-os, resplandecente.*

.....

É também lá, nessa espécie de Olimpo, que vai residir o derradeiro Herói, «o Vencido imortal», em meio de Capitães, Barões, Conquistadores, Génios e Vates, de «todos quantos a Glória amaram com paixão». Todos

o saúdam e de modo especial Aquele que o conheceu durante a existência terrena — Camões:

*Ó Rei! detém em mim teu majestoso olhar.
Eu sou aquele Vate, em cujos áureos cantos
Tu, outrora, sentiste o pátrio amor vibrar!*

*Fui eu que te embalei, com a alma em fé acesa,
Os teus sonhos de herói, quiméricos e santos,
O teu amor da glória, a tua excelsa empresa.*

*Fui eu, Senhor, fui eu que, contigo, sonhei
Esse império imortal, onde a Pátria impusesse
Ao mundo a sua Fé e a sua augusta Lei!*

.....

À solicitação do grande Épico para que faça, perante os gloriosos presentes, uma evocação da Pátria, «Quer seja um negro espectro ou uma visão radiosa», D. Sebastião, num tom de elegia e amargura, «onde a saudade vibra», começou por afirmar:

*A Pátria é viva, Irmãos! A Pátria é viva ainda!...
Seu puro céu é o mesmo; é o mesmo o flavo sol;
A mesma lua argenta a Imensidão infinda;
Cinge-a a mesma manhã das rosas do arrebol...
Seus rios de cristal serpeiam, como dantes,
Por entre filas de salgueiros soluçantes,
Coros de rouxinóis, tristes canções de amor,
Idílios a florir em noites de esfolhadas,
Loiras aparições de moiras encantadas,
Aromas de luar dos laranjais em flor...*

.....

Mas, por outro lado, «por sobre aquele incomparável éden», — que «duros tempos», que «nuvens de tristeza», que «infortúnios cruéis» têm sucedido! Foram dois séculos terríveis,

*Dois séculos de miséria e de agonia,
Entre prantos de fel e mágoas indizíveis,
Em trágica expiação, contei-os dia a dia!*

.....

*A Honra antiga morta, obliterada a Lei!
A Vileza imprimindo em tudo o imundo selo!
O Vício feito Deus e o Crime feito Rei!*

.....

Passa o Herói a fazer uma síntese dos opróbrios e tormentas que a Pátria sofreu durante largo tempo, apontando corajosamente os responsáveis, quer ocupem ou não os mais altos lugares do Trono e do Altar, pela decadência, desprestígio e desgraças da Nação, outrora venturosa. E quase a findar, exclama:

*E a Pátria, Irmãos, a Pátria amada lá ficou
Sob o ridente céu, junto ao cerúleo mar . . .
Meu derradeiro adeus, a brisa lho levou;
Levou-lhe a extrema luz meu derradeiro olhar . . .
Lá ficou, lá ficou, sonhando o eterno sonho,
Pela esp'rança imortal docemente embalada,
Na bruma do Futuro, atento o olhar tristonho,
Como à espera de ver fulgir a minha espada!
Lá ficou, triste e só, sob o rigor dos Fados
E o látego da Sorte, instável e tirânica,
— Pobre cativa que, de pulsos algemados,
Aguarda um salvador na sua fé messiânica!*

«Elegia da Pátria» chamou Luís de Magalhães ao seu Poema, na dedicatória que inscreveu no início do volume, a fim de preitear a «grande memória, religiosamente amada e venerada de José Estêvão», seu Pai. O assunto do Poema, mais pròpriamente a figura de D. Sebastião, foi tema abordado por outro poeta contemporâneo: pelo talentoso autor do «Só». Deixou, porém, incompleto e desconexo o seu poema «O Desejado», cujo simbolismo é, no entanto, idêntico. Não faltou ao de Magalhães a requerida unidade, nem ao seu senso estético faltou a exigência de uma variedade na narração poética que se propôs realizar. É possível que o seu objectivo de restaurar uma «grande lenda nacional» não se tenha concretizado de harmonia com o seu intento, mas, sem dúvida, escreveu um patriótico monumento literário e fez um poema esteticamente muito belo. O autor amadureceu, literariamente. De modo que se tornou mais opulenta e variada a frase, a expressão aumentou de relevo plástico, a técnica poética alcançou a perfeição. O parnasiano, com o culto da forma e da beleza

verbal, pôde expandir-se largamente pelos diferentes cantos e episódios do Poema, onde se encontram versos expressivos e felizes como os seguintes:

No sonho do luar dormem a terra e o céu.

É noite. Estrelam a sombra as luzes do mosteiro.

*E os sinos tocam, tocam a matinas,
Lançam as notas de oiro, a repicar,
Lírios de som que se abrem pelo ar . . .*

Oh prece! Orvalho místico das almas!

Catedrais — brancas monjas emaciadas.

Ao verso harmonioso e correctíssimo, à pureza e claridade da linguagem, ajunte-se a variedade estrófica, a mudança frequente de metros e de ritmos, a sugestividade das imagens, e ter-se-á uma ideia do interesse literário desta obra, que, em nosso entender, é mais uma demonstração das brilhantes faculdades de um excelente poeta lírico, amante apaixonado da sua terra e da história da sua Pátria, do que de um poeta épico, sensível às acções guerreiras e cantando-as através dos tons altissonantes da tuba heróica.

«Cantos do Estio e do Outono»

É uma obra da plena maturidade de Luís de Magalhães. Como ele próprio declarou no intróito do livro, estes seus versos são:

*Folhas que, ao sopro do norte frio,
Caem dos ramos, ao abandono,
— Últimos raios do meu estio,
Primeiras névoas do meu outono...*

Quando os publicou, em 1908, roçava pelos cinquenta anos de idade, o que, no seu caso, significava muita experiência vivida, moral e socialmente. Diga-se já que a política, — que Magalhães viveu intensamente, chegando a desempenhar o cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros num ministério franquista —, não prejudicou o poeta. A sua produção lírica é abundante e sabe-se que permaneceu poeta até ao fim da existência, quer dizer, para além dos setenta anos. Numa idade em que, geralmente, o vate, por se

achar distante da vintena ou do meio do caminho da sua vida, depõe o alaúde a um canto e emudece, Luís de Magalhães continua a harpejar com vigor e com gosto a sua lira, e só se imobiliza quando a cegueira e a morte o atingem. Foi Charles Péguy quem, na página dum álbum, afirmou: «Écrire des vers à vingt ans, c'est avoir ans. En écrire à quarante c'est être poète».

É possível que nestes «*Cantos de Estio e do Outono*» haja alguns versos do tempo da mocidade de Luís de Magalhães. No citado intróito, ele chama-lhes «velhas imagens meio apagadas», «cinzas dum fogo que a idade apaga», «velhas relíquias dum grande amor» ... Mas outros, muitos outros, são, sem dúvida, mais recentes, surgiram já dentro da idade madura, como o provam a natureza dos temas e um maior depuramento da forma.

Pode dizer-se que este delicioso livro de Luís de Magalhães é o livro da sua Amizade. Além da amada Esposa e das Filhas estremecidas, comparecem nas composições que o formam, muitos dos seus Amigos, representados sòmente pelos seus nomes nas respectivas dedicatórias, mas em significativa homenagem às suas pessoas ou à sua memória, como, neste último caso, a formosíssima poesia *O Brigue Negro*, dedicada a Antero de Quental, Oliveira Martins, D. Alexandre de Castro (Resende), Carlos Lobo de Ávila, Eça de Queirós e Mousinho de Albuquerque.

Para a cara Esposa, são as afectuosas e admirativas expressões de *Refúgio*, («Ó cristalina fonte de água viva!»; «Ó Estrela de Alva, Estrela da Bonança!»; «Ó Sombra protectora, ó Sombra amiga!»; «Brisa cheia de aroma e de frescura») e ainda as mais elevadas de *A Janela da sua Alma*:

Ó aéreo balcão, ó Janela ogival,
Miradoiro do Sonho aberto sobre o Azul,
Vista de ti, a Vida é um paraíso ideal,
Edénica região luminosa do Sul.

.....

É que eu contemplo a Vida através da tua alma,
E a tua alma é como um gótico vitral,
Que entre mim e a existência interpõe, suave e calma,
A mística visão dum mundo espiritual.

Para as amadas Filhas, são as palavras cheias de ternura e amor paternal da composição intitulada *A minhas Filhas*, em quem vê a luz e o perfume da sua vida, a alegria e o bálsamo do seu coração:

Ride, brincai, saltai! No azul dessa inocência
A minh'alma se embebe, imaculada e boa,



Uma das encantadoras fontes da Quinta do Mosteiro

*Como no azul dum céu, de eterna transparência,
Uma pomba que bate as asas — e revoa...*

Elas são os «matutinos clarões» que despontam quando já volve o olhar fatigado para o poente da sua existência,

*Quando, além, o meu sol já declina no céu,
Num ocaso outonal, melancòlicamente.*

.....

*Sem vós, como seria o meu inverno frio!
Sem vós, como seria a vida desolada! . . .
Flores! Desabrochai neste tronco sombrio. . .
Andorinhas! pousai na casa abandonada. . .*

Uma série de seis sonetos continua a revelar o verdadeiro parnasiano que é Luís de Magalhães. São aspectos ou quadros da Natureza, òptima-mente vistos com olhos de artista, e descritos com correcção mas não friamente. É a chegada dos barcos à praia numa tarde luminosa e calma; é a varina, de perfil trigueiro, torso de graciosas linhas gregas, lançando no ar o seu pregão vibrante; é o nascer da Lua, por entre os véus crepusculares da noite misteriosa, enquanto o rouxinol se prepara para entoar a sua sonata de amor; é uma típica paisagem do Minho, com suas penhas e pinheiros, campos de milho e linhais, açudes e azenhas, telhados de colmo e altas vides de enforcado; é a sesta de ceifeiros e ceifeiras, dormindo junto aos feixes das espigas, à hora ardente do meio-dia; é uma noite constelada de milhões de astros, noite sem lua, em que o silêncio da aldeia é cortado pelas badaladas, lentas e graves, do relógio dum velho campanário e pelo canto rouco dos galos nos casais adormecidos...

São de notar a precisão do traço, a arte do desenho e o forte poder evocativo das imagens:

*Risca o fundo sanguíneo e ardente do arrebol
Um voo de gaivota. E, no Ocidente, o Sol
Fulge, radiante, como uma panóplia de oiro.*

(Marinha)

*E eu, ao ver deslizar assim, sombra divina,
Essa filha do Oceano, em seu airoso passo,
Julgo entrever o vulto esquivo de uma Ondina.*

(A Varina)

*Colmados tectos, entrevêm-se a espaços.
E as altas vides, de convulsos braços
Aos rugosos carvalhos enleados,*

*Bordam em torno as várzeas planturosas,
Como antigas coreias fabulosas
De Bacantes e Faunos enlaçados.*

(Paisagem do Minho)

*E então os galos, nos casais dormentes,
Rouquejam — como alertas estridentes
De nocturnas, perdidas sentinelas...*

(O Canto dos Galos)

Outra série de seis composições subordina-se ao título geral de *A Ladainha da Mulher*. Todas se revestem de um quente tom oracional e traduzem eloquentemente uma calorosa atitude homenageadora perante a mulher que se ama. Artisticamente, elas são do mais belo que produziu a lira de Luís de Magalhães. Aqui, ele manifesta-se bem expressivamente um aristocrata do sentimento, um espírito de requintada cultura, um ser dotado de invulgar sensibilidade, e, por outro lado, um consumado artista quanto ao que concebe e quanto à forma de exprimir o que idealiza. É, por vezes, sensual a sua musa, mas não deixa nunca Magalhães de ser respeitoso ante a mulher amada. Nestas composições, por exemplo, ele brinda a Mulher com algumas das mais belas, admirativas e superiores expressões que jamais obteve do lirismo português. À ela atribui designações ou qualificativos que a Igreja reservou apenas à Mãe de Jesus. E o sentimento de amor que ela lhe inspira, eleva-se, requinta, transcendentiza-se, a ponto de se transmutar em sentimento religioso, em êxtase místico, sem, contudo, perder inteiramente o contacto com a vida terrena...

*Vaso Espiritual. Urna preciosa,
Urna onde o meu amor,
Como nívea amarilis capítosa,
Abre a olorante flor;*

*Vaso divino, Píxide sagrada,
Na qual a tua alma,
Como uma hóstia branca e imaculada
Dorme serena e calma;*

.....

*Vaso de prata. Vaso de Perfumes,
De essências aromáticas,
Como as que ardem nos templos, entre os lumes
E os oiros das dalmáticas;*

.....

*Vaso Espiritual: a minha vida
Em ti eu a encerrei.
Em ti minha alma pus, triste e dorida,
Em ti tudo guardei.*

(Vas Spiritualis)

*Rosa mística, ó Rosa odorante e nevada
Cuja corola exala o perfume do amor,
Dentro em meu coração, como uma jarra lavrada,
Vive, fulge, rescende, ó misteriosa Flor!*

.....

*Na Cathedral, aérea e branca, da minh'Alma
Tu és, celeste emblema, a Rosácea ogival,
Que, aos raios da manhã, na nave umbrosa e calma,
Desabrocha e sorri como uma flor astral.*

(Rosa Mística)

*Ó Casa de Oiro, meu palácio salomónico,
Maravilhosa estância, onde, soberbamente,
Na pompa e no fulgor dum fausto babilónico,
Habito como um Rei magnífico do Oriente.*

(Domus Aurea)

*Ó Porta do Céu, ó porta de oiro e marfim,
Ante a qual, deslumbrado e extático, me inclino,
Ao transpor teus umbrais, sinto descer em mim
A graça celestial dum puro amor divino.*

(Janua Coeli)

*Ó Estrela de Alva, Estrela Matutina,
A palpitante no alvor da madrugada,
A tua luz suavíssima e divina
Deixa a minha alma de esplendor banhada!*

(Stella Matutina)

Das seis composições, a terceira, dedicada ao escultor Teixeira Lopes, deve considerar-se extraordinária, quer pela concepção, quer pela realização, bastando só ela para impor um poeta e um artista. Feliz ideia a do Autor, empregando o verso hendecassílabo, o musicalíssimo verso de onze sílabas, porque, servindo-se dele, acentuou a tonalidade oracional do belo poema:

*Minha aérea Torre, Torre de Marfim,
Branco Minarete, Coruchéu esguio,
Resplendente e ebúrnea, surge em frente a mim,
Toda de alabastro transparente e frio.*

(*Turris Eburnea*)

Este tom de prece chega a encontrar-se nalguns poetas simbolistas e, até, pré-simbolistas portugueses, como Eugénio de Castro, António Fogaça (*Orações do Amor*) e António Nobre (*Ladainha a Nossa Senhora*). E também não deixa de ser curioso notar-se que, conforme foi da predilecção do Simbolismo, surgem neste livro de Luís de Magalhães vocábulos raros, termos de inusitado emprego, impondo-se pela qualidade eufónica ou pela sua sugestibilidade, alguns dos quais esmaltam as composições dos nossos «nefelibatas»: *criselefantina*, *agnocasto*, *dalmáticas*, *irial*, *oirescentes*, *opálica*, *ninfeia*, *corindons*, *hialino* . . . Contudo, e embora Luís de Magalhães tivesse poetado dentro do período de tempo em que nasceu, se desenvolveu e morreu, em Portugal, o movimento simbolista, ele permaneceu sempre parnasiano, o fiel admirador de Crespo e de Feijó, o discípulo de Leconte e Herédia, seus eminentes mestres franceses.

As quatro estações do ano mereceram a Magalhães outros tantos poemas que ofereceu aos seus confrades em letras António Correia de Oliveira, Guerra Junqueiro, Manuel Duarte de Almeida e Bulhão Pato. São quadros brilhantes, admiravelmente traçados por hábil mão de artista, sugerindo cada estação, cada época do ano, com o seu cunho natural e específico. Na *Primavera*,

*Unem-se a Terra e o Sol num cósmico noivado;
A Vida abre de novo a misteriosa flor.*

No Estio,

*Misteriosamente, sob as fundas leivas,
Fremem eleusinas forças germinais:
Embriões, raízes, planturosas seivas
Casam-se em obscuros himeneus vitais. . .*

No Outono, encantam os espectáculos de luz e cor:

*Tarde de âmbar e de safira desbotada. . .
Desce no poente o sol, pàlidamente loiro.*

É muito outro o quadro no Inverno:

*Dorme a terra inerte sob o alvor da neve
Noite, paz, silêncio pelos campos nus. . .*

Desta série de composições, em que o Autor, mais uma vez, demonstrou o seu valor literário, a sua ciência de bem manejar a linguagem para dela extrair o melhor efeito estético, e se manifestou sensível a certas impressões visuais, passa-se a outro grupo de poesias, em número de cinco, endereçadas ao Conde de Arnoso, Ramalho Ortigão, D. Carolina Michaëlis, Eugénio de Castro e Alberto de Oliveira. Têm o título de *Amores* e, de facto, várias formas de amor, encarnadas em vários tipos femininos, evocativos da vida e arte helénicas, são aqui belamente visionadas: o amor carnal, o amor respeitoso, o amor ideal. É Milita, «argêntea deusa astral», resplandecente como Afrodite, «solene e calma», mas «insaciada de vida e reprodução»; é Frineia, a branca hetaira, de corpo deslumbrante, modelado pelo de Anadiomene, «*Arquétipo ideal da Forma Humana / Cânon supremo da Beleza Antiga*»; é Stania, «Mulher de olhar sombrio e trágico», «Flor do Mal», «Deusa sinistra e voluptuosa», de «alma inviolada»; é Celeste, «etereal e fluida, quase que incorpórea», um sonho de beleza pura, ser entre mulher e anjo, Madona que se adora de mãos postas. . . E é Sponsa, a mulher eleita, presa pelo «laço imortal» do Himeneu, a que mantém acesa, no lar, «a flama de oiro»

*E na roca, onde a estriga a loirejar se enleia,
Fia, caseira e honesta, o linho virginal,
E com fios de amor tece a comprida teia
Duma vida feliz, austera e patriarcal.*

Num magnífico estilo pleno de plasticidade e realismo, fundiu Luís de Magalhães estas cinco composições, das quais deve destacar-se, pela ideia realizada de maneira inultrapassável, a última referida: *Sponsa*. Todas revelam o erudito apaixonado pelas manifestações do antigo ideal helénico, como bom parnasiano que era. Foi o Romantismo anti-clássico, mas o Parnasianismo, anti-romântico, voltou-se com sumo gosto e admiração para as expressões literárias e artísticas que tinham feito a glória da Antiguidade Clássica. O nosso Poeta compreendeu e sentiu o que havia de artístico e de belo nesse Ideal de gregos e latinos e, por isso, encheu

estes seus «*Cantos do Estio e do Outono*» de alusões a entidades helénicas, penetrou-os dos fortes aromas sensuais que se desprendem de uma antiga mas sempre recordada mitologia, e iluminou-os com a claridade de uma forma, caracteristicamente clássica pelos indispensáveis requisitos do equilíbrio e da harmonia.

São ainda belas e emocionantes as derradeiras poesias deste livro, que tem de ser qualificado como um dos melhores produtos da inspiração parnasiana e uma das mais apreciáveis colectâneas do Lirismo português. Aumentam-lhe o interesse e o perfume lírico as composições: *A Prece das Fontes*, inspirada, certamente, pelas graciosíssimas fontes que enchem de encanto a magnífica Quinta do Mosteiro, onde residiu Luís de Magalhães; *O Fumo*, em admiráveis alexandrinos, e consagrada a Manuel da Silva Gaio; *O Vento*, construída em versos octossilábicos, pouco frequentes entre nós, mas muito usados pelos poetas franceses, — uma poesia oferecida a António Feijó, de acentuada nota pessimista, e à qual respondeu, mais tarde, o autor do *Sol de Inverno*, enviando-lhe da Suécia uma *Súplica ao Vento*, inserta nesse seu último livro, — mais uma queixa do lusíada diplomata, exilado nos gelos polares da Escandinávia e saudosíssimo da formosa terra limiana.

O tema do canto das Sereias, atraindo aos perigos das névoas e das sirtes os jovens argonautas inexperientes, é tratado em lindíssima composição de igual título, verdadeira «balada branca», que o Autor quis dedicar ao notável romancista, ainda seu parente, Jaime de Magalhães Lima:

*Ao luar de opala, em divinais coreias,
Pelo mar de prata nadam as Sereias...*

.....

*Ao luar de opala, branca serenata,
Cantam as Sereias pelo mar de prata.*

.....

*Ilusões da Vida, Sereias dos mares,
Nunca ouviram homens os seus cantares.*

Tinha Luís de Magalhães, homem generoso e tolerante, o culto da verdadeira Amizade. Talvez pensasse, como Cícero, que ela é um inestimável dom dos deuses. Quando, portanto, a morte arrebatava alguma das pessoas a quem o ligavam laços íntimos de amizade ou estima, a sua humanidade sofria e das reacções consequentes brotavam sentidos versos de homenagem e evocação. Excepcional, indubitavelmente, é o poema que escreveu em memória dos seus grandes amigos Antero, Oliveira Martins,

Alexandre de Castro, Lobo de Ávila, Eça e Mousinho, e intitulou *O Brigue Negro*, como anteriormente dissemos. Tem originalidade de concepção tal peça poética, a última do livro, em que o Autor consegue comover-nos com a sua própria emoção, ao imaginar esse trágico Brigue Negro, esse Navio-Fantasma, avançando lentamente por um Mar misterioso e levando consigo para as praias de um Outro-Mundo os «tristes emigrantes» que deixaram o porto da Vida «em busca doutros céus»... Um é «o Poeta sublime, o Bardo transcendente», o «Sonâmbulo divino a errar eternamente/Atrás dum vulto ideal, que em vão tenta alcançar»; outro é o «Evocador das glórias do Passado»; outro ainda é o «Escultor da Frase, o Artista sem rival», absorto na «beleza do Verbo»; outra sombra do Navio funerário é a de uma «figura antiga de epopeia/Alma brônzea de Herói», invadida pelo desalento e com a nostalgia da glória... É também com desalento e a mais profunda amargura que o Autor lembra a partida definitiva dessas «almas irmãs» da sua, desses «corações amigos», levados pela sombria embarcação, e por quem, deste mundo, chama inútilmente:

*E assim, de cada vez, em cada triste viagem,
Mos levas um a um, aqueles que eu mais amo,
E ao ver-te partir, tocada pela aragem,
Na praia errante e só, embalde, embalde os chamo!*

«Frota de Sonhos»

Há poetas e escritores que ficam na Literatura de um país por uma só obra que produziram. Temos, entre nós, os conhecidos exemplos de Cesário Verde e António Nobre, e, se os quiséssemos procurar em Literaturas alheias, poderíamos encontrá-los, quanto à França, em Baudelaire e Herédia, autores respectivamente, como se sabe, de «*Les Fleurs du Mal*» e «*Les Trophées*». Outras vezes, embora os escritores e os poetas sejam autores de mais do que uma obra, é por uma determinada apenas que eles são mais apreciados ou conhecidos, tendo obtido com ela a garantia de uma celebridade indisputável. São os casos de um Petrarca, imortalizado principalmente pelos sonetos das suas «*Rime*»; um Cervantes, a quem o «*D. Quixote*» eternizou o nome; um Shakespeare, famoso sobretudo pelo seu «*Hamlet*»; um Flaubert, pelo seu romance «*Madame Bovary*»; um Tolstoi, pela sua epopeia em prosa «*A Guerra e a Paz*»; um Antero, pelos seus *Sonetos*.

De modo semelhante, o talentoso e inspirado autor de «*Frota de Sonhos*», se não tivesse outras obras a impor o seu nome adentro da Literatura nacional, não necessitaria senão desta para ter direito a um lugar de destaque na história da Poesia portuguesa.

Produziu Luís de Magalhães um livro de extraordinária qualidade, admirável pela rara elevação de sentimento, pela altura do pensamento, juntas a uma impecável perfeição formal. É o livro de um Poeta, mas de um Poeta que é, ao mesmo tempo, artista, esteta e filósofo. Nessa obra está, pode dizer-se, todo o homem que foi Magalhães nas diferentes épocas da sua vida, pois assinala bem nitidamente os principais passos e os marcos essenciais da sua existência real e da sua evolução espiritual. É um resumo biográfico feito com requintada e bem meditada arte, uma verdadeira autobiografia moral e espiritual, um retrato psicológico, delineado com apuros de esteta, através desses belos cento e quarenta sonetos que a compõem. Retrato completo, que surge com os sonhos e os amores da juventude até à fase final da existência, com o amargor das desilusões e a melancolia do triste envelhecer: é o moço enamorado, sentindo os alvoroços de um alegre despertar do amor; é o esposo encantado e afectuoso; é o pai extremoso e feliz; é o poeta virgiliano que ama a terra e a trata com filial ternura; é o homem com os seus problemas morais, interrogando-se ansiosamente perante os mistérios do Além; é o português patriota, amante da História do seu País e lutando por um verdadeiro renascimento nacional. Mas acima ainda desse retrato e do homem que ele tentou reproduzir, aliás com o melhor oiro da sua pena de artista, Magalhães pôs em *Frota de Sonhos* muito do que viu e sentiu na Vida, o modo como a viu e sentiu, e as conclusões a que, por vezes, chegou, em face das suas observações e meditações.

No soneto-dedicatória da obra, oferecida a sua Mulher, a suas Filhas e «à saudosíssima memória» de seu único filho, de nome José Estêvão, tão prematuramente desaparecido da face deste mundo, escreveu o Autor que ela é constituída pelos seus «derradeiros cantos». Foi o seu canto de cisne, muito embora possamos informar de que, posteriormente à data da sua publicação, em 1924, ele produziu ainda uma quarentena de sonetos, aproximadamente, que se conservam, quase todos, inéditos. Foi-os compondo à medida que o estado de saúde lho permitiu. Chegou a dar-lhes um título: o de «Anoitecer», e, em face do seu valor e beleza, bem merecem imediata publicação.

Num dos primeiros sonetos de «*Frota de Sonhos*», assinala logo, em síntese, o conteúdo e o carácter da obra:

*A sonhar e a cantar, vão embarcados,
Em vós, estes estranhos viajantes:
O Amor e a Dor, a Fé e os torturantes
Anseios de Verdade, insaciados...*

A Vós!

Como arvore caduca, lacerada,
Tronco espectral que o raio mutilou,
Mas de que ainda, ao vir d'Abril, brotou
Humilde, escanque flôr, logo esfolhada,

Assim, pelo infortunio fulminada
E entre os lances da Sorte, que arressou,
Ainda uma ou outra flôr em si criou
Minha alma semi-morta e amargurada,

Eil-as a qui, as tristes! esvaídas,
Corollas sem frescura, já pendidas,
De anseios, sonhos, duvidas e prantos...

mas, n'um gesto estivo, ó meus Amores,
A Vós consaço as derraiadas flores,
Este meus pechos, verdadeiros ^{cantos} ~~lamentos~~!

*Singra ao ritmo do verso, — a vaga calma —,
Fluida Frota de Sonhos.... Vai minha alma
Lá no tope real, como um pendão,*

*A palpitár, a tremular ao vento...
É piloto da Armada o Pensamento,
Seu audaz almirante o Coração!...*

De harmonia com este propósito assim exposto, agrupam-se os sonetos por identidade de temas, recebendo os diferentes agrupamentos, por ordem sucessiva, as seguintes designações: *O Facho do Amor, Ara Íntima, Natura-Mater, Em Face da Esfinge, Tuba Épica, Os Cantos do Prisioneiro*. Consequentemente, os sonetos do primeiro grupo contêm muito do coração e da sensibilidade de um homem que sente e ama, e não pode deixar de clamar a sua desdita, por sinal com certo ressaíbo elmanista, em virtude do cruel desdém que se lhe deparou:

*Ai! pobre do que abraça uma paixão!
Feliz do que não ama e que não sente!*

*Semi-louco, embrenhei-me em selva escura,
Às árvores bradando, e à rocha dura,
Meu infortúnio, em lágrimas desfeito...*

(Endeixa)

Outras vezes, a lira engrinalda-se de delicadas flores e surge então o gentil-homem, cavalheiresco e cortesão, dotado de fino e galanteador espírito, compondo versos em que celebra as graças e as gentilezas de donas e donzelas. Assim, em *Riquezas, Madrigal* e na encantadora série de *Os Olhos*, em que são cantados os olhos negros, os azuis, os castanhos e os verdes, com as mais admiráveis expressões e imagens. O artista está sempre presente, como nesse esplêndido quadro *A Viagem a Citera*, perfeito, magnífico, em que «Eros paira em triunfo», como paira igualmente, embora invisível, na atmosfera de oiro do célebre «Embarquement pour Cythère», da paleta delicada e genial de Watteau:

*É de cedro odorante a Trirreme e as suas velas
De púrpura de Tiro, os Zéfiro a arfar.
Longos festões de mirto e rosas as mais belas,
Adornando a amurada, as vagas vão beijar.*

*Sob um largo velário, enlaçam-se, a cantar,
Em coreias gentis, efebos e donzelas,
E, à luz crua do sol, no fluido azul do mar.
A Trirreme, vogando, abre sulcos de estrelas...*

*Citera é perto. Como Afrodite, das ondas,
À Ilha emerge, ostentando as colinas redondas,
Ciprestes e rosais, seu templo alvinitente.*

*E, pelo Éter, sobre ela, a voar, róseo e loiro,
Eros paira em triunfo e alveja, sorridente,
A Galera do Amor com suas flechas de oiro!...*

Ara *Íntima* abrange a série de sonetos consagrados ao Lar, à Família, aos Amigos, e ainda alguns reveladores das preocupações do Autor ante a incerteza do destino final do homem, e da sua aceitação da vida pela soma de sonhos e ilusões que ela oferece, pelo prazer do amor, da glória e da arte, e pela aspiração permanente do pensamento em encontrar a Verdade absoluta (*A Viagem e Flor da Vida*).

O formoso soneto *O meu Mosteiro* é uma síntese da história do mosteiro de Moreira da Maia, em cuja Quinta, adquirida por sua Mãe, já viúva de José Estêvão, viveu, a partir do Outono de 1886, Luís de Magalhães

*Entre os livros sonhando e, poeta virgiliano,
Cuidando as terras e os meus versos com amor.*

Aí, estuda, lê, sonha, escreve, verseja, trata das terras e recebe os seus Amigos com jubilosa efusão. A presença destes alegria sobremaneira o seu ânimo generoso e bom, de modo que a perda de qualquer deles magoa duramente a sua finíssima sensibilidade e torna-o profundamente melancólico. É essa melancolia, jazendo no fundo do seu coração,—já «um vasto cemitério»—, que lhe dita, um dia, os versos deste belo soneto:

*Voltaí, amigos, a esta casa amiga,
De vós há tanto tempo abandonada,
E na qual vos espera, alvoroçada,
Entre saudades, a amizade antiga.*

*Repousai um momento da fadiga
No banco de granito que, à entrada,
Se acolhe à verde sombra da ramada,
Fresco velário que, do sol, o abriga.*

*Entraí. Soltai agora alegremente,
Na frase alada, o espirito fulgente...
Mas por que assim me olhais, sem me falar?!*

*— Ah! a illusória miragem da Saudade!
São vossas sombras só, na realidade,
Que me vêm de, além Campa, visitar!...*

A força evocativa da Saudade leva-o, muitas vezes, a lembrar a grande figura do tribuno aveirense que foi seu Pai, de quem, aliás, tènueamente se recordava por ter apenas três anos de idade quando ele faleceu, em Lisboa, mas prefere evocá-lo no cenário maravilhoso da Costa Nova, tendo diante de si as velas brancas a deslizar no azul da Ria e, ao fundo, a planície verdejante da outra margem:

*Vejo-te errar na praia, — emocionante engano! —,
Buscando a inspiração do teu ardente verbo
No esplendor do Infinito e o tumultuar do Oceano!*

(Evocação)

Mas a evocação mais dolorosa é a que Luís de Magalhães fez nesses oito extraordinários sonetos que, sob o epígrafe de *Urna de Lágrimas*, escreveu, com o coração profundissimamente alanceado pela morte de seu filho, o único varão entre os seus descendentes e que usava o mesmo nome de seu Pai. Gazeado da Primeira Grande Guerra, tendo combatido com bravura na Flandres como oficial pertencente ao Corpo Expedicionário Português, regressou aparentemente de boa saúde a Portugal, mas acabou por ser vítima do mal que contraíra ⁽¹⁾.

Só quem tiver passado por tão angustiosa situação moral, poderá avaliar e compreender a dor imensa e inconsolável que afligiu o sensibilíssimo coração de Luís de Magalhães. E a sua Musa, agora tristíssima e coberta de negros crepes, chorou amargamente o duríssimo golpe que lhe vibrou, inesperadamente, a Desventura. Traduzem essa tragédia, esse sentimento de desgraça que abateu sobre a sua aflita alma, todos os oito sonetos que escreveu, mas dentre eles queremos destacar principalmente os intitulados *Alma de Justo*, *Suprema Dor*, *Stabat Mater* e *Antítese*, este último assinalando, com justa revolta, o contraste brutal entre a dor humana

(1) O transe dolorosíssimo por que passou toda a Família encontra-se sentidamente descrito pela Senhora Dona Joana Inês de Lemos Magalhães, no seu muito interessante opúsculo *«Luís de Magalhães — Sua Evolução Espiritual»*, publicado em 1961.

e a impassibilidade ou a indiferença da Natureza perante o sofrimento da pobre Humanidade.

Por o considerarmos da mais comovente beleza, transcrevemos a seguir o soneto de título *Suprema Dor*:

*Foste, Jesus, a vítima inocente,
Do maior crime entre homens perpetrado,
E, com tanta crueza torturado,
Tudo sofreste resignadamente.*

*Num martírio atrocíssimo e inclemente,
Coroados de espinhos, flagelado,
Todo em chagas o corpo ensanguentado,
Cravaram-te na cruz baramente.*

*Bebeste o fel amargo. Uma lançada
Atravessou tua carne lacerada...
E, baixando os teus olhos, já sem brilho,*

*Pudeste ouvir ainda, ao expirar,
Tua Mãe, junto da cruz, a soluçar.
— Mas não viste, Senhor, morrer um filho!...*

Em *Natura-Mater* brotam os temas relativos à terra, ao campo, à vida rural, denunciadores do poeta virgiliano, do poeta-lavrador, que todo se compraz na admiração da força criadora da Natureza, nos espectáculos de luz e sombra, variados e emocionantes, que lhe oferecem o Sol ou o Luar, nos tipos campesinos que se lhe depaam familiarmente à vista, na superintendência dos trabalhos de um grande Casa de lavoura que, pela sua importância, deveria preencher, aliás gratamente, muito do seu tempo e dos seus cuidados.

Considerando a terra o elemento que, em si, contém todos os outros, «substância e princípio de Vida», exclama:

*Cibele, augusta Mãe! em teus flancos ardentes,
Freme, em ânsias vitais, a força criadora,
Bebe a seiva a raiz, germinam as sementes,
Corre, sangue de fogo, a lava abrasadora!*

(A Terra)

Depois da Terra,—a «telúrica Deusa», à qual confessa a sua pessoal adoração, alude à fecundidade de outro elemento universal, a Água, com cuja espuma e graça se fundiu a «divina maravilha» do «corpo de Afrodite»:

*Irmã gémea da Terra, Água, vivo cristal,
Fluido corpo do mar, dos rios e das fontes,
Sangue incolor a estuar nas artérias dos montes,
Pranto das nuvens e do rócio matinal.*

(A Água)

Sentindo o poder das «forças subtis e quase imateriais» do Ar, escreve, deslumbrado:

*Éter, alta mansão dos Deuses imortais,
Ténue e vaga substância, elemento incoercível,
Que tudo envolve e penetras, invencível,
E onde, em haustos, a vida aspiram os mortais!*

(O Ar)

O outro elemento, o Fogo, é celebrado em vibrantes versos, feitos com elevação e vigor de estilo. Ele é a alma, a vida e «o verbo do Mundo», as suas línguas de chama «dizem palavras de oiro»:

*Ó Fogo, do Universo és o espírito ardente,
És a essência dos sóis, no espaço a fulgurar,
És o Génio propício e bom que, eternamente,
Nos dá luz e calor sobre a pedra do lar.*

(O Fogo)

São ainda excelentes sonetos: O Semeador, no seu gesto—«augusto», diria Vítor Hugo—de arremessar o grão à gleba revolvida, e lembrando um Deus a operar «o milagre da vida»; O Ceifeiro, que, brandindo implacavelmente a sua foice, parece «um Deus a consumir o mistério da Morte»; a Pastorinha, fresca como a «flor dos prados», de «olhos claros, celestiais»,—delicioso retrato feito por um poeta-pintor; A Lavadeira, morena e esbelta, lavando «na verde margem duma ribeira»; a Aurora, a Noite, a Neve e esses numerosos habitantes dos nossos vales e das nossas serras, Os Pinheiros, «de fustes como lanças de gigantes», amada árvore dos portugueses por tão diversas causas:

*Sois acha em nosso lar, trave na casa,
Berço e caixão, e cruz na cova rasa,
Cabo de enxada, a desbravar montados...*

*E, dos vossos avós, foi que tirámos
As quatro tábuas sobre as quais sulcámos
Os «mares nunca de antes navegados!»*

Em tantos destes versos, encontra-se um Poeta dominando a técnica com uma segurança invulgar, e não se exagera afirmando-se que a perfeição de muitos é «inexcedível», — qualificativo empregado pelo próprio Magalhães ao apreciar, um dia, os versos, na realidade, admiráveis do «*Cancioneiro Chinês*», de António Feijó. Cremos que a uma concentração progressiva do seu pensamento correspondeu a necessidade de utilizar a contensão do soneto, forma estrófica preferida pelos que pensam e meditam, ao contrário dos românticos, que preferiram as longas espécies versificatórias por onde livremente derramaram a sua superabundância sentimental. Presta-se melhor o soneto a guardar as concretizações lapidares do que se pensou ou do que se sentiu, isto é, a cristalização formal das ideias e dos sentimentos. Uma longa distância separa as odes de 1884 dos sonetos de 1924 que compõem a «*Frota de Sonhos*», livro que é uma autêntica síntese da vida moral e mental de Luís de Magalhães.

Uma particularidade formal se nos depara num certo número de sonetos deste Poeta, — particularidade que julgamos ser de sua original criação, porquanto jamais a encontramos em qualquer outro lírico. Trata-se de substituir, no fim de cada quarteto e de cada terceto, o verso de dez, onze ou doze sílabas por um de metro mais curto. Esteticamente, não deixa de ser de bom efeito tal inovação. Todavia, se a medida geral empregada no verso for inferior àquele número de sílabas, — e há alguns de nove e, até, de oito —, sofre bastante a estrutura do soneto, e ao ouvido e à sensibilidade artística soa como se fosse uma composição bem diversa. Perdendo o seu ritmo inicial, perdeu algo da solenidade que lhe é característica. Exemplifiquemos, porém, com um dos sonetos em que o ritmo e o conceito, ao que parece, nada sofreram:

Riso e Lágrimas

*Parti. Deixei-te em lágrimas banhada...
E, em toda a ausência, amor, tua figura
Ficou-me assim,—imagem da amargura!...—
No coração gravada!*

*Ah! sempre triste, sempre desolada,
Naquela melancólica postura,
Os olhos rasos de água, e a face pura
Sobre a mão apoiada...*

*Voltei. Sorrias, louca de alegria ;
O teu ardente olhar resplandecia
De apaixonado ardor !*

*Mas eu lembrei tuas lágrimas de outrora...
Mais que a sorrir, um lindo olhar, que chora,
Nos enleva de amor !*

Se, até aqui, houve que apreciar o poeta-artista, dada a natureza dos versos e a dos temas, agora, ao ler e meditar a parte do livro *Em Face da Esfinge*, avaliar-se-á o poeta-filósofo, isto é, o poeta perante os graves problemas morais e religiosos que se puseram ao seu espírito, desde muito cedo preocupado com a verdadeira resposta a determinadas interrogações que o inquietavam, ou até, angustiavam. Já o surpreendemos em tal atitude quando analisámos os seus «*Primeiros Versos*», escritos numa época em que o Positivismo atraía as inteligências cultas, como, aliás, seduziu a sua. A origem do Mundo, o que somos, o que é o Tempo, o Espaço, a Vida, Deus, são perguntas que coloca dentro do âmbito da sua consciência e espera, sèriamente, mas em vão, uma resposta tranquilizadora e satisfatória. Quase no início dessa série de 33 sonetos, põe à sua alma um daqueles grandes problemas:

Que tu existas, creio. O que és, não sei!

.....

És Brama, Osiris, Jeová ou Zeus?

És Pã, — a Natureza feita deus?

És só um conceito da Razão?... Talvez!

Sim! quem sejas, inteiramente o ignoro.

Mas sei que te pressinto — e que te adoro,

Sem mesmo precisar saber quem és!

(Ignoto)

Em frente das vaidades deste mundo, da vanidade do poder, da ostentação, da beleza, e dos próprios «dogmas falíveis da razão», o Poeta admite algo que não é efêmero, algo de superior que não é passageiro, mas permanente e válido:

Sim! Tudo é vão em ti, Humanidade!

Tudo é vão, — a não ser virtude e amor,

Tudo é vão, — a não ser a santidade!...

(Vanitas Vanitatum)

Tem, por vezes, o místico desejo da oração e evoca a antiga crença, «desfolhada» pela razão fria, a antiga fé, que lhe deslumbrava o espírito:

*Pudesse eu elevar meu coração
Na espiral infinita da oração,
Que sobe como o incenso pelos ares,*

*E, as mãos postas em místico fervor,
Ficar dormindo em tua paz, Senhor,
Como as velhas estátuas tumulares!*

(Ad Deum)

O soneto *O Náufrago* é, nos seus breves catorze versos, uma auto-biografia espiritual de Magalhães. Sentindo-se como um náufrago perdido, com sua barca, nas tempestades raivosas do mar da vida, exclama (ele, que já vivera confiado, de olhos no Céu):

*Entre as vagas, perdido, agonizante,
Debato-me na dúvida incessante,
Pobre náufrago, exausto de fadiga...*

*E, no horror da incerteza tenebrosa,
Ergo as mãos para o Céu e, em voz ansiosa,
Peço-lhe um raio só da crença antiga.*

O tema da Fé domina soberanamente o espírito e o coração do Autor e, por isso, ele retorna frequentemente aos seus versos e é o «leit-motiv» de muitos, como estes em que anseia penetrar no templo da Crença para

*Adorar Deus em face, e as doces almas
Dos que amámos rever, puras e calmas,
Lá onde têm os Bons perpétuo assento;*

*Crer, sonhar, esperar, — embora em vão! —
Pois só na Fé tem paz o coração,
Só nela tem certeza o pensamento!*

(A Fé)

Parece que o processo de uma conversão se vai fazendo lentamente, com avanços inesperados e súbitas paragens, ora iluminado o Autor pela fé, ora indeciso pela dúvida, — debate de uma alma vacilante entre a Crença

e a Razão, agora acreditando, logo hesitando, já crendo na divindade de Cristo mas ainda não na humanização de Deus:

*Contemplo, ali, na cruz, o Cristo agonizante,
Na glória do martírio e a sagração da Dor,
E, ante a imagem divina, em frémitos de amor,
Todo o meu coração se eleva, palpitante.*

*Mas a dúvida surge e enleia-me... E, hesitante,
Pergunto quem és tu, que Deus és tu, Senhor,
Que, já indecisa a fé, se ama com tanto ardor
Como quando ela, em nós, rebrilha, flamejante!*

*Vacilo!... Sofro!... Sinto oprimir-me a aflição
Das angústias cruéis que o espírito consomem
No eterno debater da Crença e da Razão...*

*E ao pé do altar, enfim, dobro os joelhos meus,
Porque, se tu não és um Deus que se fez homem,
Ah! Senhor! és, decerto, um homem feito Deus!*

(Homem ou Deus?)

O problema «insolúvel, transcendente» do Ser e Não-Ser,—

*..... os polos do mistério
Que envolve a Criação perpétuamente!
O hemisfério da Luz e o hemisfério
Da Treva imperscrutável e silente!—*

é problema em que medita inúmeras vezes, porém sem chegar a alguma conclusão definitiva:

*Mas nada enxergo ao fundo — nada! nada!
E ante o Segredo eterno, conturbada,
Minha alma freme do um pavor sagrado!*

No soneto *Por Onde?*, o Poeta dialoga com a sua alma transviada na floresta da Dúvida, ora em «ânsias de Fé», ora entregue aos «problemas

que a Razão profunda», em busca da luminosa Verdade. No entanto, é em vão que aspira a uma certeza e, por conseguinte,

*Cada vez é maior tua aflição,
Pois se, na Fé, não vês mais que ilusão,
Que te dá o Saber mais que incerteza?!...*

Interrogando angustiadamente os mares, as montanhas da terra, os astros dos Céus, os abismos do Infinito, pretende que eles lhe rasguem os véus do mistério das «origens e idades primitivas» e lhe digam quem é Deus e onde está Deus. A voz prodigiosa da resposta não deixa de se fazer ouvir e é de crer que ela já tivesse um eco concordante na alma ansiosa do Poeta:

*— Deus está no Universo em corpo e alma!
Deus é a essência do Ser — e habita em nós!*

*Deus é o sonho divino em que te embebes
No anseio do saber, que não se acalma!
Homem, Deus vive em ti quando o concebes!*

(Imanência)

O longo caminho percorrido, entre meditações angustiosas, perguntas pungentes e sem resposta, clamores de uma alma que se sentia sem arrimo, sem amparo, surtos ascensionais da inteligência para encontrar Verdades e Certezas, clarões de luz fulgurando após um demorado dilúculo de hesitações e dúvidas,—veio ter a esse admirável *Acto de Fé*, que é a real confissão da crença do Autor em Deus e da plena aceitação da Lei de Cristo. Oiçamo-lo nessa verdadeira e impressionante Oração, com que termina esta série de sonetos, de um tão alto cunho filosófico:

*Creio em Deus, — Ser ígnoto e onnipotente,
Criador do Universo, ou sua essência.
Guia-me a Lei de Cristo, que a consciência
Nos ilumina como um facho ardente.*

*Ante o mistério das Origens, sente
Minha pobre razão sua impotência.
Mas, todavia, à incerta luz da Ciência,
Busca a verdade esquiva, ansiosamente.*

*Creio na oculta flama, em nós acesa,
No Génio, que subjuga a Natureza
E, à luz do Ideal, conduz a Humanidade.*

*E, num místico anelo espiritual,
Penso que alguma coisa há de imortal
Nisso que, em nós, aspira à Divindade!*

Dominado pelas mais elevadas ideias acerca dos problemas superiores do Homem, Luís de Magalhães é, de facto, um poeta-pensador, um poeta-filósofo, que sobre eles reflectiu intensamente em busca de soluções admissíveis pelo seu intelecto e pela sua consciência. As soluções que encontrou e os caminhos que percorreu para as achar, demonstram que as do Cientismo lhe não bastavam e, por isso, esforçou-se por satisfazer os anelos do homem metafísico que sentia existir dentro de si mesmo. Já em 1890, quando publicou o seu livro de crítica «*Notas e Impressões*», afirmava que a Arte não deve só analisar a herança animal do homem, mas observar igualmente o homem físico e o homem metafísico, o homem natural e o homem moral, isto é, o homem na sua totalidade. (1)

Abria-se já a inteligência de Magalhães a uma das correntes filosóficas do final do século XIX, que se introduziu e alargou no século XX, uma corrente espiritualista, que se opunha ao Naturalismo e ao Comtismo? Chefia essa reacção Henri Bergson, cujas ideias são de molde a debilitar o Cientismo e o Positivismo, ameaçando de morte a ideologia materialista. Boutroux, outro filósofo espiritualista, opõe-se à ideia do desentendimento entre a Ciência e a Religião, geralmente aceite, e Guyau não admite a corrente desclassificação da poesia e da metafísica. Suscita-se o progresso das ciências morais e psicológicas, e o espírito humano retoma os seus direitos, recolocado no lugar que lhe compete.

A atitude mental de Luís de Magalhães, reivindicando, em 1890, os direitos do espírito do Homem, se não a sua própria soberania, leva-nos a considerá-lo como já ligado a uma das principais correntes filosóficas e literárias do nosso século.

(1) A pág. 50 e 51 do referido livro, escreveu textualmente L. de Magalhães: «A Arte, criação histórica, fenómeno sociológico, não pode ter apenas por objecto a observação do homem natural. Em vez dum exclusivismo acanhado, essa concepção determina, nas ideias estéticas, um desdobramento de aspectos, uma multiplicação de pontos de vista. A Arte tem de observar o homem físico e o homem metafísico, o homem natural e o homem moral; tem de o reconstituir tal como a Natureza o gera e tal como a História o educa; tem, enfim, de lhe dissecar as vísceras e de lhe analisar as ideias e os sentimentos. Shakespeare fez grunhir Caliban, mas também fez sonhar Hamlet.»

O autor dos poemas «*As Navegações*» e «*D. Sebastião*» reaparece em «*Frota de Sonhos*» para cantar, posto que em nove sonetos apenas, em brevíssimos mas brilhantes quadros, figuras e feitos da nossa História, símbolos e monumentos da nossa Pátria: Ourique, Aljubarrota, Alfarrobeira, Alcácer-Quibir, o Magriço, o Adamastor, a Batalha, os Jerónimos. São as suas «visões de epopeia», apresentadas através da sua *Tuba Épica* com os mais belos tons e acentos de patriotismo. Formosos os versos de *A Batalha*, «coração da Pátria» palpitando nessas «austeras naves» em ogiva, verdadeira «crónica de façanhas imortais», escrita em pergaminho de mármore, e

*Relicário de Heroísmo e de Piedade,
Te-Deum de pedra, estrofe de Epopeia,
Cântico de Vitória e Liberdade!*

Os Jerónimos são um poema «gémeo dos Lusíadas» e

*Abrindo, ao Alto, em leque, os seus pilares,
Evocam indostânicas palmares,
Terras das nossas colossais Iliadas.*

Seguem-se-lhes cinco sonetos que significam a homenagem do Autor àqueles que fazem a glória da Humanidade, *Hominis Glória*: o Poeta, o Artista, o Sábio, o Herói, o Santo. Todos magníficos, é, entretanto, o último o que mais impressiona pela beleza conceptual, o consagrado ao Santo,—«limite transcendente da ascensão do Ideal» e «transubstanciação, já sobre-humana», em que a alma chega a atingir o próprio Deus:

*Místico sonhador da Perfeição,
Heróico Mártir dessa Fé que o guia,
Ei-lo, o supremo ser da Criação,*

*Síntese espiritual da Humanidade,
Pois que resume em si a Poesia,
A Beleza, o Saber, a Heroicidade!*

Em Janeiro de 1919,—tinha cerca de sessenta anos de idade—, sofre Magalhães a dura experiência de um encarceramento nas cadeias do Porto. Restaurara-se nesta Cidade o regime monárquico, e um Junta Governativa do Reino, constituída pelo Conde de Azevedo, pelo Visconde do Banho e

por ele próprio, nas funções de ministro dos Negócios Estrangeiros, administra o Norte do País durante o escasso tempo de pouco mais de três semanas. O efémero movimento político, ao qual aderira com entusiasmo e na convicção plena de que, fazendo-o, apenas cumpria o seu dever, arrastara à prisão muitos dos que se tinham comprometido e, sobretudo, os seus dirigentes e activos participantes. Foi um deles Luís de Magalhães. Do seu longo encarceramento ficou um eco nos onze sonetos que, sob o título geral de *Os Cantos do Prisioneiro*, figuram em «*Frota de Sonhos*». Com amargura confessou a infelicidade da derrota:

*Lutei por um ideal, mas fui vencido
E fiquei à mercê do vencedor.
Da derrota senti todo o amargor,
Vendo por terra o meu pendão caído.*

(No Cárcere)

Sentindo a derrota e a prisão, compreende, todavia, que nem tudo era possível encarcerar-se:

*A alma não! O espírito é incoercível,
E a consciência, rígida, inflexível,
É livre, — mesmo dentro da prisão!*

Mas para maior tranquilidade da sua consciência, que se debate, por vezes, com a Dúvida, surge-lhe, alta noite, nas trevas do cárcere, como um espectro, a figura varonil de José Estêvão, seu Pai, a «grande sombra», a «Sombra amada», que o visita e lhe fala:

*E cuido, então, na cela silenciosa,
Ouvir clamar a tua voz gloriosa:
«Fizeste bem, meu filho, era o dever.*

(A Voz do Espectro)

Depois de tudo quanto sofreu — «incertezas, doestos, criminações, condenação» —, soou, enfim, a hora da liberdade, e não só pessoas mas coisas — as pessoas e as coisas do seu Lar — expandem-se numa alegria que

ele próprio sente em sua alma, além de uma «ideal serenidade», uma «austera beatitude»:

*Abrem-se as portas da prisão, enfim!
Em liberdade, volto ao lar amado.
Por doces braças sinto-me enlaçado,
Doces faces sorriem para mim...*

*Incensa-me de aromas o jardim;
Pelas árvores sou abençoado;
E o velho chafariz chora, coitado!
Na comoção de me rever por fim...*

(Em Liberdade)

Encerra-se a obra «*Frota de Sonhos*» com alguns sonetos, excelentemente traduzidos, de José Maria Herédia, Luís Veuillot, Francis Latouche e Santa Teresa de Jesus. De Herédia, são os célebres *Les Conquérants* e *Antoine et Cleópâtre* que vêm na colectânea do grande parnasiano «*Les Trophées*, e os menos conhecidos *Villula* e *O Leito*; de Latouche, o soneto *Lisboa*, «majestosa e alvejante em sua graça latina»; de Veuillot, o intitulado *Último Aviso*, e da Santa espanhola o soneto, universalmente conhecido e apreciado, que tem o seguinte começo:

*Não me move, meu Deus, para querer-te,
O Céu, aos que te querem, prometido,
Nem me move o Inferno, tão temido,
Para deixar, por isso, de ofender-te.*

Traduzidos com inteira fidelidade do pensamento expresso no original e com o maior brilho literário, os sete sonetos finais da sua obra capital revelam o admirador de Herédia, —daquele que alguns consideravam o maior parnasiano e que afirmava ser a poesia a «única forma possível da imortalidade» para os homens e para as coisas; e ainda um espírito preocupado de sobrevivência, tantas vezes torturado por cruciantes problemas metafísicos, mas acabando por encontrar na sua alma apaziguamento e conformidade.

★

★ ★

Luís de Magalhães, formalmente, esteticamente, parnasiano, começara por ser, intelectualmente, um positivista, mas um positivista que descreveu

larga e longa curva na evolução do seu espírito. Como já acentuámos, ele rejeita, a partir de 1890, a supremacia da Matéria e reivindica claramente os direitos do Espírito do homem, cuja totalidade — corpo e alma — não pode ser mutilada, conforme afirmou. De então por diante, caminha num sentido espiritualista, numa tentativa constante e bem evidente, no seu lirismo, de decifrar os mistérios de além-vida, o destino futuro do homem, o problema da imortalidade da alma. Na sua pessoa, organização metafísica, ganha o maior acuidade o problema religioso. Impede-o, a princípio, de crer a falta de harmonização entre a Religião e a Ciência, mas acaba, enfim, por compreender que lhe é possível admitir algo que está para além da Ciência. É a confissão do seu *Acto da Fé*, que publicou no seu último livro «*Frota de Sonhos*».

O amor da Pátria está-lhe no sangue, é nele um vivo e forte sentimento, herdado de seu Pai, o grande liberal, e, por certo, aumentado com a evocação respeitosa do exemplo paterno. Em face das críticas circunstâncias que atravessava o País, aquele amor levou-o a ser o que já ninguém era na terra portuguesa: sebastianista, aliás aceitando a concepção do Sebastianismo, formulada pelo seu eminente mestre e amigo Oliveira Martins, que, decerto, seria o primeiro a sugerir-lhe a elaboração do poema «*D. Sebastião*». A lenda sebastica não teria ressuscitado na consciência nacional, como ele tinha pretendido ao escrever tal poema, mas é certo que alguns poetas «neo-sebastianistas» surgiram depois, como Afonso Lopes Vieira e António Correia de Oliveira, assim designados pelo próprio Teixeira de Pascoais no seu livro «*Poetas Lusíadas*». O vivo sentimento da Nacionalidade e das suas maiores tradições obrigou-o não só a cantá-las em *As Navegações*, *D. Sebastião* e *Frota de Sonhos*, mas ainda a sacrificar-se por elas, entrando em lutas políticas, exercendo cargos públicos, desinteressadamente, sofrendo, para manter em tudo uma digna coerência, as amarguras do exílio em Londres e da prisão.

O seu amor da Família era uma verdadeira religião. Ela, a Família, está sempre presente na obra de Magalhães, sobretudo desde «*Odes e Canções*», desde as delicadas e perfumadas *Violetas* desse livro, até aos sonetos inesquecíveis de *Ara Íntima* de «*Frota de sonhos*», em que põe todas as suas vivências de homem superior e sensível.

Poeta do tipo apolíneo, Luís de Magalhães sentia-se perfeitamente dentro do Parnasianismo como a escola literária ou a corrente estética que mais completa e gratamente poderia realizar o seu ideal de Arte. No seu tempo, nasceu e existiu outro movimento literário, de grande repercussão em França e no nosso País: o Simbolismo. Ficou-lhe indiferente Luís de Magalhães, que sempre poetou à maneira parnasiana, usando largamente do soneto e vasando os seus versos nos moldes de uma linguagem nítida, clara, correcta, escultural. Foi um artista com o culto da forma,—uma

forma que, ao contrário da dos simbolistas, é mais escultura do que música.

Não hesitamos em qualificar Magalhães como um dos melhores parnasianos portugueses, e bem claramente parnasiano sem mescla de Realismo, causando surpresa que o seu nome não seja apontado como tal, o que só se explicará pela falta de verdadeiro conhecimento da sua obra poética. Quem alguma vez tenha lido os «*Cantos do Estio e do Outono*» e «*Frota de Sonhos*» não poderá deixar de impressionar-se com a perfeição da forma, a beleza plástica do verso, o encanto dos temas, o brilho das ideias, a elevação da cultura, tudo quanto fez o interesse e o valor dos líricos que adoptaram as concepções artísticas do «*Parnasse Contemporain*». Luís de Magalhães foi leitor assíduo e admirador de Leconte de Lisle, Baudelaire e Herédia. Foi igualmente leitor assíduo e admirador de Gonçalves Crespo (prestou-lhe a sua homenagem na imprensa quando faleceu), Antero e, muito particularmente, António Feijó, também, e acima de tudo, um grande poeta parnasiano, pertencente, como ele, à segunda geração do parnasianismo português, isto é, à que surgiu em Coimbra, por volta de 1880. Muito de desejar seria, pois,—e seria até justíssimo—, que a sua valiosa obra poética fosse mais conhecida do público português e, especialmente, dos apreciadores das nossas boas letras, para que, conhecida e apreciada como merece ser, ele viesse a ocupar o lugar a que tem incontestável direito dentro do vasto quadro da Literatura nacional.

CARTAS INÉDITAS SOBRE ALGUMAS OBRAS
POÉTICAS DE LUÍS DE MAGALHÃES, ESCRITAS PELO
CONDE DE ARNOSO, EÇA DE QUEIRÓS, CONDE
DE SABUGOSA, ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA,
CONDE DE MONSARAZ, AFONSO LOPES VIEIRA E
JÚLIO BRANDÃO.



Real San do Almeida
25 Junho 88



Luís de Lencastre

Chegou a Lisboa.

Recebeu a visita de
um italiano.

S. M. o Rei está
muito doente.
O Rei está doente
e a rainha também.
O Rei está doente
e a rainha também.
O Rei está doente
e a rainha também.
O Rei está doente
e a rainha também.
O Rei está doente
e a rainha também.

Señor... mejo
en un...
ab...
vnt-

Amigo de

h

Voco, 26

Leitua 28 Maio
1898

Querido Lirio

Tenho andado pelo
Menteiro. D'ahi o meu
alencar depois da sua
boa carta. e finalmente
dormir, e Deus que
tenha parte para
o Porto. Portanto ali
colherei todas as
provações necessárias

para imprimir a parte
crescente do livro de Rocha
Beirão. Eu sou amigo
de Seguer — e estou
quasi certo da boa
verdade d'elle.

Certo ir para
Hotel do Porto — e esperar
receber ali na 2ª feira
um thetete sem deitar
quando me querem
Moraes. Eu encaminho
Tancias ordinarias, cu

calharia d'emprego
um seu boão pato
mas — mas agora, em
lei que supra a cada
montante de Franco,
mas uma boa creatu-
rucha, devo ter mais
reserva. Vão sempre
perder as pato. Mandei
ir um bilhete ao
telegrapho — para que
em quoseria talos retar-
tar d'um dia a jornada.

Ja recebi D. Sebastião.
Ja folheei — e admirei
logo a nobre e bella
estrutura do Poema,
aguardo a que o Francisco
chamam L'ordonnance.
Enfim! Eis um poema
portuguez com uma soli-
da coordenação e sólido
em sua futura disciplina
para um fin bem de
poesia e de superior
originalidade... e a
vota conservarem. Dê
o meu respeito ao Sr. da
Lu. D. Conceição. Fraternal abraço
em
Luz

Li a seguinte / 4/4

Mex com Luy o. de gnd.

Que lindo cantor de luto e
de Outono!

Papai Lourenço e este omelete
horas Soces e boas a let-as,
e este Fardo com bom
pedaço a fuller Papas
cantor e de uma bellys
com uma amiga
mufa por tambem os
tinha apreciada, a Maria
Amal. Vay de Cavallos

cujá critica superior se
estende ao meu singelo
senso administrativo n'uma
ludibria que por certo
faz exaltar os rios are-
lhos, por fallarem muito
de si.

Feliz udo e feliz exponção
a mim que lhe permite
na arte pura da realda-
de que nos cerca
abrir um encantado
parentesco, onde apparece

um amor com o seu
3' de trescentos, e que
tem saude e alma, e que
tem uma familia encantada
deu: que e um deus
refugio para a familia
da Thye.

De pouco a pouco, com
o cuidado, e bom trabalho
em livro, e grande chego
a parte que intitulada Luthi-
che e Muller, e sobre-
tudo grande chego ao
Domus Aurea, a minha
admiração e encanto

a receber uma resposta
de uma gratidão por ter
dito a sua letra de afecção
e me nome a uma
tão bella para litteraria.
symples de o e curados, e
cheio de vaidade.
como se repeti acher bello
toda a vida, e se me mette
impresão, alem d'uma linda
poesia "o Santo", a quella
outro com que fecho o volu-
me que eu já lhe tinha en-
viado, mas com que se encon-
tra sempre a mesma
commodora deleyta
de uma mulher até a vida
e livros com respeito e
interesse. Ambos me me
recomendando a tua mulher
e a tua. muito affecto
Antonio Carlos

8.I.909



PROCURADORIA GERAL

DA

CORÔA E FAZENDA

Roda Prindade, 15.3º
ISBOA.

Meu Excelltissimo Amigo:

Ha quantos dias tenho sobre a minha

meza uma Viva Pentação, — o seu

Livro! Mas só hoje, neste funeral

do seu livro ha mais mez,

encontrei duas horas de perfeito

e religioso sossego para me entre

bras, misteriosas e profundas dos
grandes e proféticos espísculos ori-
fondez. Venos onde late, forte,
carneal e nu, um poderoso e rei-
voso Coração; e outros que ali
vantam a altíssima e mística
espiritualidade: E não estará
nesta dializmo toda a força cria-
dora e toda a sublimação da
Vida do homem? Em céu, pur-
púro. E por isso o seu Livro não

intimamente, como queria, ao in-
canto dos seus Versos.

Ben haja, meu querido

Camarada e Amigo, pelo grande e

intenso prazer que me deu. Felici-

do. o calorosamente pelo seu

livro. Ha nelle versos que são

batidos em cheio pelo bello e fe-

cundo e glorioso Sol de Jullo;

outros que se envolvem nas ror-

da' a quenda e rara impressão de um livro
vivo e vivido. Os meus melhores para-
bens, e os meus pueros agradecimentos,
especialmente por ter illustrado o meu
nome (pobre, frio e mentiroso mimame)
nas "Estações" que são um esplendido
e magnifico canto pagão, uma das mais
bellas paginas do livro.
Deixo, e sempre, lembrança.

Mando-lhe o meu helio e polu polu.
Fico a Vossa Excellencia os meus mais es-
caldos cumprimentos. E abraço-o como
seu muito afficionado admirador e amigo

Antonio de Moraes

meu querido Luis, 22/1/1808.

Escrevo - lhe da Figueira, onde
se tem estado por causa do em-
pregado superior da minha casa,
que adoeceu gravemente. E é
n'esta atmosphera, saturada de
agricultura e de commercio, que
eu li o seu bello e delicioso li-
vro!

Foi hontem, ao canto do
fajão / porque a noite estava mu-
to fria / que os seus versos al-
beiraram, n'um grande prazer in-

belle ~~alme~~ contemplation, hem
esquida de nos mostros acima
das lanchas e de baixo, aflu-
ctuar por entre constellacões
de rouchos e nuvens de pausa-
des.

As suas poeiras são todas
formosissimas. Não quero nem
dei determinar preferencias; mas
sempre lhe direi que repeti al-
gumas, entre ellas as quatro est
as, de uma perfumada graca, vi
giliana, o fumo, o vento (que belles!)
as serenas (que encanto!) o briga na.

Intellectual, o morto provincialismo
seus deuses de família.

Eu e família; os meus esentavam-se, como
em casa de prater toda a ge-
te gente de nervos, a leitura do
seu volume foi um regalo pa-
ra todos. E durante duas ho-
ras ninguém pensou no com-
mercio e na agricultura.

Também V. para o escrever, com
certeza que se expressam dos neg-
cios e da politica, que a sua

po. que é um verdadeiro poema
de laudade, digno das grandes mo-
tões, que partiam para a eterna
miséria.

Ah, pois, meu que-
rido poeta, felicitando-o pela
tua obra e apressando-lhe a pre-
cioso hillo de leite, mergulhado em
trâncas produções do seu espirito, por
tudo de exaltação na florescência
duma eterna primavera.

Deito com a tua D. Luísa os nos-
tos affectuosos cumprimentos, meus e da
Amélia, e at. aperte-o muito ao coração
o seu velho amigo e admirador aff.
Conde de Monsaraz



CASA DE S. PEDRO

G^m Srs

Recebi a seu tempo, e venho agradecer-lhe
agora, o livro de Sonny & V. G. pela gentileza
de me enviar na véspera da minha partida para
os Açores. G^m fervorosamente agradeço o espiritual
presente, onde, em muitas páginas, encontrei um
nobre vigor aliado à rigorosa perfeição e ao comedido
sentir e, em todas elas, beleza de forma ou senti-
mentos. — Talvez um dia os críticos venham a notar
de como das nossas pequenas políticas saíram livros de
valor. José de Agrelo escreveu poemas no exílio de
Paris. V. G. rememora na Santa de Junho os dias da
Revolução. E, visto ao futuro, estes poemas deverão dar
uma cota de poesia a um ciclo tão miserável de vida
pública. — Acompanhei com interesse e com
espírito os romances do Arquipelago, lamentando não
ser um boz acompanhando. Apenas me inquieto
além do âmbito do meu qdo amigo e mestre Dr. Gil
de Vazquez, tanto mais fô eu quem o desafiei
para is. Recebo V. G. afetuoso cumprimento
meu e apertadamente do

Atado e enviado

11/11/10 Sonny Vazquez

Pôrto, 6 de Julho
C. do V. ho.º = R. de Costa Cabral-
3044

Meu ^{meu} Sr. Amigo:

Ha poucos dias, logo que
voltei do Ilhéu - ainda
doente e a amparar doen-
tes - foi-me entregue no
Museu o novo livro de
V. Ex.ª - e eu que, por
ordem dos médicos, tenho por-
to de parte os meus trabalhos,
lendo e escrevendo apenas
o que é inadiável, nesse

mesmo dia, chegando a casa, li,
entusiasmadamente, todo o livro admi-
rável. Mas encontrei logo a V. Ex.^a,
porque ainda o sabia nos Açores,
e aproveitei o ensejo para o felicitar
pela viagem, que julgo ter sido opti-
ma, e pelo regresso com saúde.

Venho trazer a V. Ex.^a o mais
vivo, o mais sincero agradecimen-
to pelas horas de incomparável
prazer espiritual que me deu.
Toda essa Frota de Sonhos
flutua num maravilhoso mar
de Beleza. Não me surpreende
o grande reboto de facelura, a destreza
técnica, que por vezes inoportuniza

o mestre dos Trageús, que lá' encontro
na primorosa versão de alguns sonetos;
surpreende-me, sobretudo, a emoção
viva e forte, flor divina que os avos
não desfolharam, e que só ganhou com
eles em profundidade, em graça, em
intensidade... Eis o segredo dos verdade-
deiros poetas!

A Arte, no seu esplendor plástico,
e a Emoção, fazendo estremecer
as estrofas de lirismo eterno, são
as duas figuras de proa das tuas
naves magnificas! Nós posso-
mos seleccionar. Em todas as partes
em que está dividido o volume há
inimitáveis peças de Antologia.

Na Ara íntima, como
é natural, desabrocham
lírios dum perfume per-
turbaute — perfume que
nos deixa os olhos rosos
de água... Mas sempre,
segundo o motivo ins-
pirador, uma grande
jovela palpita no
airo deus, Versos!

Perdõe-me V. Ex.^a estas
considerações a um Mes-
tre; só têm o valor da
sinceridade por os dila-

Há mais de um ano
que não escrevo as mi-
nhas impressões críticas.
Se um dia me fôr pos-
sível voltar á faina,
este volume de V. ho.ª tea-
o seu lugar de honra.
O Jornal publicou
há dias, uma referência
ao volume — e eu posso
transcrever em uma das
próximas Semanas
literárias alguns so-
netos, talvez os dois,
em verso, que servem

de prólogo.

Sen V. Ex.^a. passe excellentemente
e todos os seus, para quem peço
os meus melhores desejos, sob
os meus votos bem cordiais.
E, renovando as meus apre-
ciações, com as minhas felici-
dações entusiásticas, subscrevo-me
seu. afeto

Sen V. Ex.^a.

Administrador ferroviário e
cri.^o. operatório e int.
dedicados.

Júlio Brandão

CORRIGENDA

A pág. 4, linha 21, leia-se: ductilidade

A pág. 30, linha 5, leia-se: «Écrire des vers à vingt ans, c'est avoir vingt ans...»

A pág. 51, linha 5, leia-se: comprometido

A pág. 52, linha 5, leia-se: braços

Em *CARTAS INÉDITAS*, onde se lê «Carta de António Correia de Oliveira — II» leia-se: «Carta de António Correia de Oliveira — III»;

onde se lê «Carta de António Correia de Oliveira — III» leia-se: «Carta de António Correia de Oliveira — II»;

onde se lê «Carta do Conde de Monsaraz — II» leia-se: «Carta do Conde de Monsaraz — III»;

onde se lê «Carta do Conde de Monsaraz — III» leia-se: «Carta do Conde de Monsaraz — II».

biblioteca
municipal
barcelos



11623

Luis de Magalhães e a evolução
do seu lirismo